

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia

Waldir Jacques Medeiros

Uma Cultura em Movimento: Um estudo identitário da *Cultura Racional*.

Brasília, DF
Setembro de 2014

Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Sociais
Departamento de Antropologia

Waldir Jacques Medeiros

Uma Cultura em Movimento: Um estudo identitário da *Cultura Racional*.

Trabalho de conclusão do curso de Antropologia
Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais
Universidade de Brasília

Professora Orientadora: Rosa Virgínia Melo

Brasília, DF
Setembro de 2014

Waldir Jacques Medeiros

Uma Cultura em Movimento: Um estudo identitário da *Cultura Racional*.

Monografia apresentada no curso de
Graduação em Antropologia pelo Instituto de
Ciências Sociais da Universidade de Brasília
Para a conclusão do curso de Antropologia

Data da Defesa: 09 de setembro de 2014

Banca Examinadora:

Rosa Virgínia Melo (Orientadora) Prof.^a Dr.^a (Universidade de Brasília)

Juliana Braz Dias (Banca) Prof.^a Dr.^a (Universidade de Brasília)

Luis Abraham Cayón Durán Prof. Dr. (Universidade de Brasília)

“A cultura humana é um conjunto de textos.”

Clifford Geertz (1973a: 452)

Agradecimentos

À professora Rosa Virgínia Melo pela orientação em todas as etapas da feitura deste trabalho, principalmente nos momentos da solidão da escrita.

À professora Juliana Braz Dias pela gentileza em integrar a banca examinadora desse trabalho.

Ao professor Luis Abraham Cayón Durán pela gentileza em integrar a banca representando a orientadora, impossibilitada de fazer-se presente no período da defesa desse trabalho.

Aos *estudantes de Cultura Racional* dos estados de Minas Gerais, Goiás e do Distrito Federal, companheiros *caravaneiros*. Ao Paulo, importante companheiro na minha jornada e a todos os outros colaboradores do mestre que ao me transmitirem ensinamentos refletem a face de Manoel.

À minha família e amigos pelo apoio.

Resumo

O objetivo desse trabalho é apresentar um movimento religioso nacional pouco conhecido e trabalhado no meio antropológico, a *Cultura Racional*. Movimento que se propõe um “contínuo” brasileiro da religião, filosofia e ciência, criada em meados da década de 1930, no estado do Rio de Janeiro, pelo *Pai* Manoel Jacintho Coelho. Dona de um arcabouço teórico hipersincrético, a “criação” de Manoel transita entre diversos “mundos”, arrebanhando para si indivíduos com cosmovisões plurais e muitas vezes excludentes caso percebidas fora da cosmovisão religiosa. Sob a luz de pensamentos vigentes do começo do século XX no Brasil, a ascensão do espiritismo Kardecista, a introdução e o reforço de valores “evolutivos”, “civilizadores”, “modernos”, “individualistas” e de “racionalidade”, pretende-se recriar as bases teóricas e sociais que deram sustentação para o desenvolvimento dessa doutrina no campo religioso brasileiro. Busco fazer um estudo antropológico da identidade nativa ancorado na investigação dos textos sagrados e do universo ritualístico dessa doutrina, expresso por procissões que se autodenominam como “caravanas”, que se objetivam por divulgar o movimento, mas ao mesmo tempo apresentam-se como dramas sagrados.

Sumário

Introdução - 8

“O grão mestre varonil”: Manoel – 11

Observando a *Cultura Racional* – 14

Recortes metodológicos – 16

Dados etnográficos – 18

Capítulo 1 – 21

Do sincretismo à sacralização - 27

Capítulo 2 – 34

Mirada cosmológica – 36

O pecado original e a adaptação *Racional* - 39

Capítulo 3 – 43

VI Encontro de *Cultura Racional* na UnB – 44

As caravanas e as ruas – 46

Conclusão – 53

Bibliografia - 55

Introdução

O presente texto tem por objetivo a análise antropológica de uma identidade religiosa nacional, ainda pouco explorada pelos meios acadêmicos nessa área do conhecimento. A *Cultura Racional* é um movimento que se propõe um “contínuo” brasileiro da religião, filosofia e ciência, criada em 04 de outubro de 1935 pelo *Pai* Manoel Jacintho Coelho. Dona de um arcabouço teórico hiper sincrético a “criação” de Manoel transita entre diversos “mundos”, arrebanhando para si indivíduos com cosmovisões plurais e muitas vezes excludentes se estivessem inseridas em um contexto outro, a cosmovisão religiosa.

A religião para Weber por definição não é a crença na existência cósmica, o que tornaria impossível a definição por essa visão, mas a observação mundana sobre o prisma cósmico. A ação religiosa também está voltada para a existência mundana, “a ação religiosa ou magicamente motivada, em sua existência primordial, está orientada para *este mundo*”¹.

A *Cultura Racional* fornece esse prisma para enxergar a “realidade” “sob inspiração transcendental”. Sob essa perspectiva realizo o meu trabalho na mirada antropológica do que está sendo observado pela ótica religiosa da *Cultura Racional*. As tensões legitimadoras dos conhecimentos, sobre os limites dos reinos científicos, filosóficos ou religiosos, dentro da concepção ocidental de conhecimentos, são, em partes, “neutralizadas” sob o manto da categoria nativa de pertencimento, a figura do *Estudante de Cultura Racional*. Mas essa “inspiração” carrega em si rastros. O sincretismo do objeto aqui apresentado pode ser demonstrado pela busca de pontos convergentes capazes de criarem atualidade do grupo, tal como acompanhada. Assim observei quatro momentos distintos do meu campo: 1. A observação participante. 2. Análise e contextualização histórica. 3. Descrição e análise cosmológica. 4. Descrição e análise ritualística, para trazer à discussão a apresentação de três pontos de grande relevância para este grupo: a criação da *Cultura Racional*, a figura do *Estudante de Cultura Racional* e por fim o *Caravaneiro, Estudiosos* que se deslocam por todo o Brasil e pelo mundo para fazer a divulgação do movimento. Com o objetivo de apresentar o movimento da *Cultura Racional* e traçar uma circularidade das ideias, pelo sincretismo, pela apropriação e principalmente pela ressignificação destas, posso tornar, acredito, inteligível nos termos antropológicos, a identidade do grupo.

As ressignificações sobre conceitos científicos, religiosos e filosóficos feitas pelo líder carismático desta doutrina ao longo de sua trajetória de vida são para mim os pontos

1WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Volume 1. 4ª Ed.- Brasília: editora UnB, 2009; p. 279.

convergentes para a compreensão do que hoje pode ser observado como *Cultura Racional*. O que vemos nas ruas de inúmeras cidades brasileiras, procissões, que segundo a terminologia nativa são *caravanas* de divulgação do “verdadeiro conhecimento”, que foi constituído pela interpretação do *mestre* Manoel sobre o universo religioso por ele “criado”, e para aqueles que puderam acompanhar uma ou algumas das diversas palestras proferidas por esse grupo em espaços universitários de instituições de ensino superior diversas, espalhadas pelo território nacional. Esse movimentar-se, por ruas e auditórios, é a forma ritualizada da vivência identitária deste grupo. Para fazer parte dessas vivências coletivas, todos devem passar por um processo comum, a transformação do indivíduo em *Estudante*. É na figura do *estudante*, que se constrói ao mesmo tempo em que compartilha com outros *estudantes* o sentimento de pertencimento, inserção a um ascetismo- no- mundo. A imagem da personagem é central para a *Cultura*: o *estudante* de *Cultura Racional* é o limiar primeiro de um pertencimento, para fazer parte deste grupo o indivíduo passa por etapas de socialização, a primeira é a da figura do *estudante*, e tudo que ela carrega consigo.

Essa função, acima citada, apresenta uma continuidade, não há níveis específicos de hierarquização na *Cultura* de forma institucionalizada, não há “pastor” de um rebanho ou chefe de um templo, não há, também, níveis hierárquicos para ascender. Um *estudante* de *Cultura Racional* há trinta anos é um estudante. Um neófito que ingressou há apenas um ano também. Mas para aqueles que partilham desta realidade o que pode ser observado é uma acumulação de funções por parte dos de dentro há mais tempo. O tempo se torna um capital simbólico compartilhado. O tempo de estudo e de *Imunização Racional* gera um “capital simbólico” (BOURDIEU, 1992), reconhecível pelos seus pares. Quanto maior o tempo de estudo, mais próximo o indivíduo está da “salvação” e maior é o seu contato com o mundo do sagrado. Então não há graduação hierárquica nessa doutrina, porém podemos observar uma hierarquia temporal e de conhecimento, caindo na máxima popular de que “tempo é posto”.

A sentença *Imunização Racional* carrega consigo dois pilares simbólicos, o primeiro é a sua definição: É o fim almejado por cada projeto individual que adere à doutrina; é um sinônimo de salvação religiosa com toques de visão reveladora, “iluminando como um holofote” os *estudantes*. A *Cultura Racional* como movimento religioso tem em sua filosofia a característica doutrinária do indivíduo, modeladora, geradora de sentido, mesmo com toda a amplitude dada por esse grupo, pode-se observar a busca pela adesão de um devir comportamental especificamente moderno, um misto de “dever cívico” com valores morais religiosos e um devir “evolutivo”. Tanto que a vida pregressa do indivíduo inserido é na

maioria das vezes ressignificada como errante e profana, situada longe do contato com o divino, que no caso aqui apresentado é chamado de *Racional Superior*. O segundo pilar é o que o investigador deve buscar observar, o contexto por trás do sentido. A *Imunização* é uma palavra muito corriqueira no linguajar médico científico, é definida como o processo de aquisição de proteção contra doenças com o objetivo de aumentar a resistência. O *Racional* é uma palavra muito corriqueira do senso comum e uma premissa extremamente valorizada pelo campo científico. Chega-se a conclusões pelo uso da razão, excluindo o processo intuitivo, mágico, místico. O que se procura é o processo dedutivo. O que pelo “toque” sincrético de Manoel acaba ressignificando cada uma separadamente, mas juntas elas significam algo extremamente particular, apenas a *Cultura Racional* as apresentam desta forma; a *imunização racional* é o processo de desenvolvimento da “máquina”- sinônimo de cérebro, consciência, poder de raciocínio- pertencente ao “verdadeiro mundo de origem do ser humano”, para esse grupo, o *Mundo Racional*. “Maquina” essa que só será desenvolvida pelo processo de leitura dos livros “Universo em Desencanto”. Universo “desencantado” que pela apropriação e ressignificação volta ao seu caráter mágico, encantado, onde os termos da racionalização moderna são moldados que tem como suporte uma face completamente supramundana. O “desencanto” *Racional* é, na proposta nativa, diametralmente oposto a ideia weberiana de “desencantamento do mundo”, sem influência do sobrenatural, explicada por leis e observações pautadas na realidade objetiva, para a *Cultura Racional* o “desencanto” nada mais é do que observar o mundo sob o prisma da ótica apresentada por esse movimento.

Outra fronteira; uso o termo para expressar espaço de delimitação identitária e de conflito entre termos, entre o que era científico e foi apropriado pelo religioso, onde a *Cultura Racional* inspira-se na biológica, dentro desse projeto de transformação pessoal há um “resquício adormecido do *Mundo Racional*” dentro de cada indivíduo. Alcançado apenas pela leitura dos textos doutrinários. “Desenvolvido” apenas pelo processo de letramento que a *Cultura* carrega e “revela”. O “despertar” é também uma fuga de um estado de “dormência” interna.

“O GRÃO MESTRE VARONIL”: MANOEL.

O presente texto, como dito anteriormente, tem por objetivo a observação de um aspirante a antropólogo sobre o movimento *Cultura Racional*. Mas como observar o movimento sem reconstruir o contexto histórico e principalmente sem apresentar o seu maior nome, figura de suma importância, o criador da doutrina, Manoel? O trabalho aqui apresentado não tem por objetivo ser exclusivo sobre essa figura, mas, sem dúvida, pela posição de criador, Manoel Jacintho Coelho, merece foco na construção dessa monografia. Antropologia e história andam sempre de mãos dadas, mesmo que em alguns trabalhos a história não seja o foco, ela se faz sempre presente.

A personagem Manoel Jacintho Coelho nasceu no Rio de Janeiro no dia 30 de dezembro do ano de 1903. Há pouquíssimos registros biográficos a respeito de Manoel, uma obra que proporciona esse tipo de recorte é a escrita pelo jornalista Jorge Elias intitulado “Cavaleiro da Concórdia: o homem do outro mundo a vida e poderes do mestre Manoel Jacintho Coelho” que será utilizada como dado. Interpreto como dado devido à importância para o grupo e por ter sido presenteado por eles com tal obra. O tom da obra é uma narrativa interna escrita por um amigo de mestre com sua parceria. O pai era maestro e a mãe professora de piano, Manoel e Rosa criaram o menino com uma grande educação musical, segundo a obra de Elias. Manoel na descrição do autor era um menino que “viera ao mundo na cor do bronze unindo as raças”², essa característica insere Manoel em contextos específicos, o primeiro dele é: o de observar a personagem como um indivíduo mulato do começo do século XX, a transitoriedade que isso carrega. O segundo contexto é o de analisar o nível de inserção do jornalista como integrante da doutrina.

Pouco encontra-se na obra a respeito da infância da personagem, apenas relatos de que Manoel demonstrara já na escola características que assombraram a sua professora.

Nos quintais da infância, no esquecido chão de circo, não havia lugar para as preocupações, embora fatos estranhos já pontilhassem seus caminhos, provocando medo e inesperadas reações.

Sorriu ao imaginá-lo correndo, descalço, sem camisa, pelas ruas da Cidade Nova, disputando espaço com outras crianças. E os olhos de Amélia Baiana a acompanhá-lo e protegê-lo, cercando-o de todos os cuidados. Naquele tempo, como agora, amava os pássaros, os bichos (...)

²ELIAS, Jorge. 1988, p. 42.

Matriculado na Escola Modelo, na rua Ana Neri, no Riachuelo, logo a professora constatou: o aluno Manoel já sabe ler, escrever e contar. E mais: sabe tudo que lhe for perguntado. História, ciência, português, matemática, geografia, astronomia e mais: até política, uma loucura. Tudo isso sem ter frequentado o colégio anteriormente.

Ao lembrar de dona Joana, a professora, sorriu. Após conhecê-lo ela pirou (...).³

A construção de Manoel como “garoto prodígio” ou alguém que seria independente da socialização e educação tradicional é fortemente explorada na obra de Jorge Elias. As narrativas apresentadas pelo autor têm por objetivo a convergência de que todos os acontecimentos descritos seriam fundamentais para a construção de Manoel como figura profética para a doutrina. Pelo tom da narrativa em seu todo, podemos observar a inserção do autor no grupo e mesmo que “por objetivo” em seu discurso, a bibliografia exalta a figura de Manoel.

Ainda tratando da biografia de Manoel, a fase que tem maior relevância na obra é a fase adulta do “mestre”.

Manoel no começo da década de 1930, já com 27 anos, um jovem adulto transitava entre três principais grupos sociais. Como músico, violonista, Manoel percorria as noites dedilhando seu violão em bordéis que abrigavam a malandragem carioca da época. De dia, ocupava a função de funcionário do palácio do Itamaraty. E entre um mundo e outro ocupava a função de médium na tenda espírita Francisco de Assis.

Em meados de 1932 as divisórias entre os cenários que Manoel atuava começavam a ruir. Os espaços fora do palco da mediunidade de Manoel começavam a ser ocupados por essa faceta, de mediador, da personagem. Em um dos primeiros relatos de sua biografia Manoel dedilhava seu violão de sete cordas quando foi tomado pelo perfume e cheiros do ambiente, entre cigarros e perfumes, prevendo a morte de um dos malandros que frequentavam o local. A violência desse ambiente foi um dos fatores que levava Manoel a deixar de lado a boemia.

Em um segundo momento, em 1933, Manoel estava trabalhando no palácio do Itamaraty quando foi surpreendido por zumbidos e feixes de luzes que variavam de cores, quando uma voz “rasgando o Universo” alertava Manoel para ter calma, pois faltavam apenas dois anos para o mundo “conhecer a nova fase do raciocínio”. O *Racional Superior* falou com ele:

3ELIAS, Jorge. 1988; p. 43-44

-Estamos em 1933, Manoel. Faltam apenas dois anos. Tenha paciência. Em muito breve você vai conhecer o caminho do desenvolvimento do raciocínio e terá de ensiná-lo, através de um livro, a toda a humanidade. Lembre-se: você não pertence a esse mundo. Vestiu a carcaça de bicho para cumprir dignificante e salvadora missão: a da Racionalização dos povos. Quando chegar o grande momento tudo vai ficar bem claro e luminoso. ⁴

Em 1935 Manoel Jacintho Coelho abandonara definitivamente sua vida na boemia e o trabalho no Itamaraty para dedicar-se exclusivamente a escrituração do primeiro volume da obra “ditada pelo *Racional Superior*”. Transformou a tenda Francisco de Assis na primeira sede da *Cultura Racional*. Calculando, Manoel abandonou tudo aos 32 anos para dedicar-se exclusivamente as suas visões. E assim tem início a história da criação dessa doutrina.

O título dessa pequena descrição sobre a vida do “mestre”, a parte entre aspas, foi tirado da música homônima de Tim Maia, que diz o seguinte:

O grão mestre varonil
Manoel, o maior homem do mundo
Homem sábio e profundo
Semeou conhecimento
Missionário da pureza
Fez brilhar ó que beleza
Essa nova geração. ⁵

A figura de “grão-mestre” é o título concedido ao mais alto grau de uma ordem honorífica ou de mérito, aqui na música de Tim Maia ganha o significado de retratar a grandeza ou importância de Manoel para a *Cultura Racional*. A segunda frase faz referência ao livro tratado aqui nessa monografia como dado etnográfico. Mas a parte desse pequeno poema que chamou mais a minha atenção é a afirmativa de que Manoel seria um “missionário da pureza”, analisando essa frase podemos observar muito sobre o processo que dará voz a esse trabalho, a transformação de Manoel em figura representativa maior de uma nova ordem e principalmente o projeto carregado por ele e pelos que aderem ao movimento, um ideário de pureza, civilização, racionalização.

4ELIAS, Jorge. 1988; p. 35

5O grão mestre varonil, Tim Maia, CD Racional vol. 1, 1975.

OBSERVANDO A *CULTURA RACIONAL*

O universo da *Cultura Racional* é constituído por inúmeras facetas, os espaços físicos ocupados por esse grupo, por exemplo, são partes significativas da sua constituição. A propriedade física é bem limitada, não é um movimento com objetivo de construção de templos, principalmente pela sua autoidentificação, presente no discurso interno, como movimento não religioso. A *Cultura Racional* tem uma sede, a primeira era a tenda espírita Francisco de Assis, no Méier, em meados de 1935 no Rio de Janeiro, onde Manoel exercia o papel de médium. Posteriormente Manoel ergueu em Belford Roxo o “Palácio da *Cultura Racional*” e por fim o “Retiro *Racional*” em Nova Iguaçu.

Além do retiro, a *Cultura Racional* é proprietária de uma editora, a Racional Gráfica Editora LTDA, responsável pela impressão de materiais de propaganda do grupo; e principalmente da obra “Universo em Desencanto”. Conteúdo enciclopédico com: 21 volumes da obra “Universo em Desencanto”, 21 da “réplica” e 21 da “tréplica”, termos usados para descrever a continuação dos 21 livros fundamentais da obra “Racional”, mais 934 do “histórico” e 3 “Amarelões”, como são chamados. Esses 1000 livros escritos pelo mestre, teriam sido “ditados” pelo “Racional Superior”, até o final de sua vida, em 1991. Hoje são tidos por seus integrantes como “única e exclusiva fonte” para a “salvação”⁶.

Há também inúmeras livrarias. Esses espaços podem localizar-se em centros comerciais, como o é em Brasília, sediada no Plano Piloto, mais especificamente no centro da capital modernista, no Conic, edifício Baracat, terceiro andar, loja 306. Um pequeno espaço comercial, fechado com grade, tudo muito simples, com divisórias na parte central onde estão localizados os exemplares da “Obra” em estantes de metal, à esquerda logo quando entramos no local há uma pequena recepção com um mostruário de vidro, com alguns exemplares e à direita, no final da loja, um pequeno espaço com cadeiras de plástico para a leitura e estudos, de associados ou pessoas que não possuem condições de comprar os volumes da obra. Ou como em Goiânia, que a livraria funciona na sala da casa de uma estudante, infelizmente na oportunidade não pude entrar, pois estávamos (a caravana e eu) de viagem e fizemos uma parada rápida para encontrar outros *caravaneiros*, mas isso eu explicarei mais a frente. As livrarias não necessariamente funcionam em centros comerciais, podem existir nas casas dos estudantes.

⁶Analicamente similar ao kardecismo que também publica livros ditados por espíritos.

A música tem papel de suma importância na “divulgação” desse movimento religioso nacional. No curto período de dois anos a *Cultura* teve seu momento de maior visibilidade ao converter para sua doutrina uma das vozes mais importantes do cenário musical nacional, Tim Maia. O músico já havia conquistado grande espaço no meio musical; a sua conversão é expressa de forma artística na letra da música: “Bom Senso” do CD Racional volume I de 1975:

Já virei calçada maltratada
E na virada quase nada
Me restou à curtição
Já rodei o mundo quase mudo
No entanto num segundo
Este livro veio à mão
Já senti saudade
Já fiz muita coisa errada
Já pedi ajuda
Já dormi na rua
Mas lendo atingi o bom senso
A imunização racional” (...)⁷

Tim Maia como *estudante* ainda lançaria mais dois CDs com o intuito de cumprir sua função dentro do movimento, o de fazer propaganda. Ainda na década de 1970 ele lança Tim Maia Racional volumes I e II e após a sua saída do movimento e também de sua morte a Editora Abril lança em 2011 o terceiro volume dessa obra.

A doutrina em relação a outras religiões do campo religioso nacional ocupa um espaço de “visibilidade relativa” (CARVALHO, 1994 p.72), a exposição pelos meios de comunicação ocupados pelo grupo não é diretamente proporcional ao número de *estudantes*. Segundo dado expresso na dissertação de Neumann o número de integrantes desse movimento varia entre 15 mil. (NEUMMAN, 2008, p.8). Pode ser considerado um movimento pequeno, fora das proporções de doutrinas hegemônicas, mas propõe-se a disputar espaços, como religião, conhecimento científico e filosófico.

⁷Bom Senso, Tim Maia, CD Racional vol. 1, 1975.

RECORTES METODOLÓGICOS

Dentro deste universo sincrético de busca por visibilidade no campo religioso nacional, a *Cultura Racional do Terceiro Milênio* ocupa espaços cada vez mais visíveis como outdoors, em Brasília estão localizados em frente à feira popular, na descida da BR. 020 e na Estrutural em direção à cidade do automóvel; e inúmeros sites sobre o tema, programas de rádio e televisão, como por exemplo, o: “Luz da Razão”, na TV a cabo que está no ar desde 1986. Por se tratar de um grupo que tem como objetivo a transformação interna dos seus integrantes pela leitura individual em busca da “imunização racional”, muitas vezes feitas em casa ou onde o *estudante* puder fazer, sem a necessidade de alguém que ministre a palavra, valorizando o contato individual com a obra e conseqüentemente com a divindade suprema e as “energias do *Mundo Racional*”, os momentos de partilha coletiva, de reuniões ou rituais entre os *estudantes* são, fora do “retiro racional” e das datas comemorativas do “calendário racional”, espaçados, com regularidades variantes; as apresentações da *Banda Racional*, as “divulgações”, “panfletagens” e as “caravanas” são organizadas de acordo com a disponibilidade dos participantes e principalmente pelo empenho em divulgar do realizador temporário da “congregação”.

A minha observação participante como etnólogo entre “Os *Racionais*” tem recortes específicos fora do contexto das grandes datas do calendário nativo. Não deixo de lado a importância de tais datas, mas observo que essas carregam em sua essência a apropriação de Manoel de dias importantes em diversas áreas do social brasileiro, em sua grande maioria datas importantes para grandes religiosidades nacionais, se comparadas a *Cultura*, como o Catolicismo e a Umbanda. As datas de relevância para esse grupo são: 13 de maio, “Dia da Libertação da Matéria”, 02 de setembro, “Dia da Divina Providência”, 04 de outubro, “Dia da Cultura Racional” e 30 de dezembro, “Dia do Sábio”.

A primeira data do calendário, o 13 de maio, dentro do universo exotérico é o 133º dia do ano, o que remeteria a proporção áurea do ano, mas no contexto aqui analisado refere se a data da Lei Áurea. É o “Dia da Libertação da Matéria” devido à ressignificação da abolição da escravidão, que marcara o fim de uma exploração, tida pela Cultura Racional e pela Umbanda como, “atrasada” no “processo evolutivo” da humanidade.

Essa data nos permite traçar um paralelo entre a Umbanda, antiga filiação de Manoel, e sua criação, a Cultura Racional, já que na Umbanda a abolição da escravidão e o advento da República são vistos como estágios

mais evoluídos da humanidade, assim como ela mesma, que liga sua data de fundação com o dia em que foi estabelecida a República no Brasil, 15 de novembro. Nesse sentido em sua criação Manoel ressaltou o dia da abolição como uma “data oficial” na Cultura Racional, relacionado assim a mesma com um “curso evolutivo” da humanidade.⁸

A leitura do texto de pós-graduação de Neumann intitulado “Cultura Racional: As leituras do ‘Maior Homem do Mundo’” proporcionou-me alguns insights. O primeiro é observar o significado sincrético de cada data do “calendário racional” para uma compreensão do universo do grupo num primeiro momento, parafraseando Lévi-Strauss (1986), o calendário nativo “é bom para pensar”.

A segunda data comemorativa é o dia “Dia da Divina Providência”, 02 de setembro.

O “Dia da Cultura Racional”, como terceira data é a resignificação feita por Manoel do feriado católico de São Francisco de Assis. Uma identificação da mestiçagem da cultura em relação à antiga doutrina de Manoel, a Umbanda. Supracitado, é o nome da tenda onde operava o médium.

A última data não carece de muita imaginação interpretativa por parte do pesquisador, de direta relação, por tratar-se do “Dia do Sábio” remete a figura profética de Manoel. É o dia e o mês de nascimento do mesmo.

A figura profética de Manoel apresentada aqui dialoga com a definição do termo em Weber de um portador de carisma que em virtude de sua missão é anunciante de uma doutrina religiosa (WEBER, 2001). Profético no sentido do termo em que devido a uma heresia na doutrina de filiação cria, pelo poder discursivo individual, outra doutrina (BOURDIEU, 1992). E por fim a autoidentificação, por ele ou pelos pares, de elo entre hierarquias distintas nos campos do sagrado e do profano, entre Deus e os homens (WEBER, 2001; e MAUSS e HUBERT, 2013).

O recorte principal para a feitura deste trabalho perpassa, no primeiro capítulo, pela discussão travada por Lilia Moritz Schwarcz (2005) em “Questões de fronteira: Sobre uma antropologia da história”, busca delimitar pela apresentação de teorias de diversos autores como Lévi-Strauss, Marshall Sahlins, Thomas Mann e Clifford Geertz o diálogo entre essas duas disciplinas. Como recurso metodológico aproprio-me da ideia de busca histórica em Roberto Cardoso de Oliveira (1976):

⁸NEUMMAN, 2008, p.6

“a verdade é que as representações coletivas, as ideologias ou as identidades étnicas somente serão inteligíveis à condição de serem referidas ao sistema de relações sociais que lhes deram origem”.⁹

Para apresentar e compreender o contexto vivido por Manoel na sua transformação de vida, de boêmio, médium espírita e funcionário público à figura profética dessa nova doutrina e reconstruir os passos que deram origem a identidade *Racional*.

O segundo capítulo tem por objetivo a reconstrução cosmológica da doutrina sincrética do “mestre Manoel”. O apoio teórico que é usado como recurso pelo “profeta” está alicerçado em valores modernos da mestiçagem e do positivismo científico como “ordem”, “progresso” e “evolução”. Valores esses transitórios em diversas áreas do conhecimento ocidental como na Biologia, na evolução física e adaptabilidade da teoria darwinista, e na Antropologia, com o evolucionismo de autores como Morgan, Tylor e Frazer, pensamentos de um devir evolutivo, linearidade que deram origem a vertentes competitivas do campo religioso em que se insere a *Cultura Racional* como o Kardecismo e a Umbanda. Os embates teóricos imaginados por Manoel para delimitar uma identidade *Racional* com aproximações e recusas entre identidades como o espiritismo, o catolicismo e a maior ruptura pelo letramento ao Candomblé, na criação da figura híbrida da *Cultura Racional* pela noção de identidade conflitante (OLIVEIRA, 1976).

O terceiro capítulo é uma observação do campo ritualístico, procissões das “caravanas racionais” e encontros de “congressistas” da *Cultura Racional*, nos espaços ocupados por esse grupo como a rua e o auditório, pelo diálogo interpretativo presente em Roberto Da Matta (1997) em “Carnavais, malandros e heróis” onde esses momentos além de reificarem a “racionalização” do grupo, tem o poder de reforçar, inverter e neutralizar condutas, práticas e empoderamentos sociais distintos. O último desdobramento sobre o tema está relacionado à fronteira final ocupada pela doutrina, a glândula pineal.

DADOS ETNOGRÁFICOS

Para a feitura desta etnografia apresento as fontes de diálogo para compreensão desse objeto em minha observação participante distribuída de dezembro de 2012 a julho de 2013 em espaços diversos como o VI encontro de *Cultura Racional* realizado na Universidade de Brasília, a observação ritualística da “banda racional” em apresentações na torre de TV e em

⁹OLIVEIRA, 1976; p. 50-51

Taguatinga-DF e, por fim, uma viagem com “caravaneiros” da *Cultura Racional* a Uberlândia- MG.

Ao longo desses oito meses em que a inserção de campo necessitou de uma aproximação maior na vivência cotidiana entre o pesquisador, eu, e os diversos conjuntos de *estudantes*, com os quais pude conviver, partilhar e aprender. O contato de um forasteiro com o grupo não é complexo, se esse forasteiro não tiver a intenção de observar o que acontece internamente, ele será sempre um forasteiro. Mas para aquele, como um aspirante a antropólogo, que pretende observar por “de trás da cortina” deve dedicar-se a estudar os trejeitos, gestos e comportamentos que são passíveis de observação por olhos, “que buscam observar”, treinados. Para dar apenas um exemplo, uma das primeiras observações feitas por quem escolhe estudar esse grupo é o vestuário, todos usando branco dos pés à cabeça, e a segunda observação simples é a de que todos os *estudantes de cultura racional* cumprimentam-se com a palma da mão voltada para o outro e proferem a expressão “Salve”, antes de qualquer aperto de mão ou abraço¹⁰. Sabendo utilizar esses sinais em favor da inserção, o pesquisador também acaba estudando comportamento e interação social, tentando tornar minha existência em meio aos “*Racionais*” menos distorcida possível, tentando não chamar a atenção como um forasteiro em meio ao grupo, utilizava as roupas que o grupo esperava que eu usasse e cumprimentava como o grupo esperava que eu o fizesse. Na interação social as expectativas são mutuas para sustentar posições ou papéis sociais. Mas a grande luta está em manter fielmente as representações, quando pretende-se observar o conhecimento, isso é, ao lidar com um grupo que tem sua cosmologia doutrinária toda escrita, o estudo não necessita de interação, já em relação ao comportamento, o projeto de tradução, torna-se fruto do exercício de observação e compreensão, mas a minha tentativa de passar despercebido como apenas “mais um” era constantemente fragilizada quando o meu informante, que chamarei aqui de “X”, apresentava-me aos outros como estudante de antropologia, com intenções explícitas de pesquisa. Mesmo que na interação entre indivíduos dentro de um contexto todos tem intenções, ou de conhecerem-se ou de buscar no outro um pilar para uma nova inserção ou mesmo o papel de pesquisador com intenções de observar, o grande conflito é manter essas intenções ocultas para naturalizar as relações. A ocultação de algumas intenções não fazem parte de uma metodologia obrigatória para realizar o campo, mas nesse caso específico observei a necessidade de manter muitas vezes a identidade de

¹⁰Ritual que tem seu significado expresso no livro “Universo em Desencanto”. Sobre uma observação rápida, essa prática segundo a cosmologia *Racional* tem a função de que “pelas linhas da mão direita identificam-se os caminhos e procedência espirituais e de vida de cada *Estudante*”.

pesquisador em suspenso para melhor interagir, evitando muitas vezes olhares desconfiados, tentativas mais incisivas de conversão. A minha observação participante na *Cultura Racional* tornou-se um exercício de equilíbrio, entre as leituras dos livros dessa doutrina, o estudo do pouco material antropológico a respeito desse grupo, as viagens esporádicas e as oportunidades de acompanhar a “*Cultura em movimento*” e o exercício maior de aproximação ou recusa, dependendo do momento, das apresentações feitas por “X”, “desmascarando” a minha presença.

Como referenciado acima há uma escassa produção acadêmica na área da Antropologia a respeito desse grupo específico. Busco com a produção desse trabalho dar visibilidade acadêmica para uma observação que julgo muito frutífera e pouco explorada.

Apresento também como materiais etnográficos: O livro de autoria do “mestre” Manoel “Universo em Desencanto volume 1”, A biografia interna de Jorge Elias “Cavaleiro da Concórdia: o homem do outro mundo a vida e poderes do mestre Manoel Jacintho Coelho”, 1 DVD de apresentação da *Cultura Racional*, A gravação do VI encontro de *Cultura Racional*, o site oficial do movimento e as fotos utilizadas nesse trabalho tiradas por mim.

Capítulo 1

A discussão desse capítulo é movida pela reconstrução de um contexto histórico para a formação do “criador” do movimento religioso nacional, a *Cultura Racional*, como figura profética. Pretendendo dar voz ao embate entre forças, o novo em conflito com o hegemônico, uma nova figura, Manoel, em relação às figuras proféticas já consolidadas como a de Cristo para o cristianismo e como a comparação entre um e outro são feitas para legitimar um posicionamento. Os conflitos entre as identidades socialmente interpretadas como “identidade marginal” de Manoel, músico boêmio e médium espírita, e a “identidade nuclear” de funcionário público e como elas influenciaram no projeto de um devir profético e no fruto dessas influências a própria criação, a *Cultura Racional*.

Manoel Jacintho Coelho tem sua história escrita e conhecida, principalmente por integrantes da vertente religiosa imaginada por ele, a *Cultura Racional*, no livro “Cavaleiro da Concórdia: O homem do outro mundo, a vida e poderes do mestre Manoel Jacintho Coelho”. Escrito pelo jornalista Jorge Elias três anos antes da morte do *Mestre*. O livro surge da amizade do jornalista com Manoel, mesmo não sendo considerada pelo autor como biografia, pois “elas teriam a função de exaltar determinado indivíduo”, os *Estudantes* a utilizam como biografia. A “modéstia” que o jornalista busca não se aplica aos seguidores de Manoel. Nesta data, em 1988, Manoel já se constituía como uma figura profética e líder religioso da *Cultura Racional*, mas atribuirei o valor necessário a essa obra, como uma biografia, utilizando-me dela para três apresentações pontuais e futuras interpretações ao longo deste capítulo para a construção de uma mirada do contexto histórico em que se insere esta personagem, seu nascimento em 1903, constantemente comparado com o nascimento de Jesus Cristo, outra figura profética que no cenário de embate entre forças é figura importante para a doutrina hegemônica nacional, o catolicismo. Outro momento que me disponho a apresentar é a relação imbricada entre a vida boêmia e a institucionalidade exercida por Manoel como funcionário do Palácio do Itamaraty, Ministério das Relações Exteriores localizado, até então, no Rio de Janeiro no início dos anos 30. Por fim, a construção da *Cultura Racional* como fruto de uma vida dividida entre o “popular” e a “elite”, buscando as transformações internas que levaram Manoel de um chefe de tenda a um profeta da “boa nova” dita “racionalizada”, entre o período de 1932, as primeiras visões do “*Mundo Racional*”, a 1935, data de criação da doutrina.

O cenário desta narrativa é o Brasil, mais especificamente o Rio de Janeiro do início do século XX, quinze anos após a abolição da escravidão, na cidade que se reestrutura. A então, capital federal. No ano de 1903 nascia um menino, um ano após o início dos projetos de reforma urbanística da cidade pelo prefeito Francisco Pereira Passos, que se estenderiam de 1902 a 1906, onde o combate pelo saneamento da cidade contra doenças como a malária, febre amarela e a varíola, inspirado pela reforma urbanística de Paris da metade do século XIX, levou a maioria da população negra para os morros do Rio que já vinham sendo ocupados desde 1893, pela massa de ex-escravos gerada pela Lei Áurea que migraram do campo para a cidade ¹¹.

O nascimento de Manoel descrito pelo jornalista é importante para a compreensão da figura de Manoel como profeta. Essa narrativa pretende, por parte do autor, ser uma “narrativa histórica” ¹², onde uma personagem, a menina Leonor, estaria presente no momento do seu nascimento e relata isso aos netos. Deriva desta narrativa a imagem de personagem histórico e figura profética construída pelos *Estudantes da Cultura Racional*, principalmente aqueles que não conviveram com o “Mestre” em vida. Tornando-se fonte para qualquer pesquisador que pretende compreender e mergulhar nos “fatos mágicos” da vida deste homem. Pelo fato de ser uma narrativa interna do grupo faço um duplo trabalho sobre este texto, o de observar e analisar os discursos internos do grupo e subtrair desta, fatos históricos que ajudam a construir o cenário desse trabalho.

Filho de músicos, Manoel fôra recebido, gerado e crescido ao som das valsas, das polcas, das mazurcas e modinhas. Nascera no dia 30 de dezembro de 1903, na Rua Barão do Iguatemi, na Cidade Nova, nas proximidades da Rua do Matoso e da Praça da Bandeira.

Noite de verão, céu aberto e estrelado.

Durante o parto, sua mãe, a professora de piano Rosa Santos, fôra assistida por uma vizinha, dona Maria Amélia, a negra Amélia Baiana, filha de escrava, beneficiada pela Lei do Ventre Livre, cuja preocupação, agora, era ajudar aos outros a nascer.

11Análise feita a partir de leituras de artigos online como: **A reforma urbana do Rio de Janeiro nas crônicas de João do Rio e Lima Barreto**. (2012; WWW. Historialivre.com) e **A reforma urbana de Pereira Passos no Rio de Janeiro**. (portalarquitetonico.com.br)

12ELIAS, Jorge. 1988.

Logo que sentiu as primeiras dores, dona Rosa mandou chamá-la. Predisposta à caridade, sorriso largo, Amélia Baiana não demorou, tratando de atendê-la.

Além da arte de forno e fogão, aquela mulher, como poucas pessoas, dominava os segredos da vida.

Sua presença acalmou dona Rosa.

Mangas de camisa, gravata borboleta, o maestro Manoel, o pai, procurava ajudá-la, embora inquieto e nervoso.

- Traga um pano limpo. Pegue água e coloque pra fervê, vamo precisá- pedia Amélia.

O menino Manoel não demorou a nascer, o parto fôra normal. Ao ampará-lo, Amélia Baiana sorriu de felicidade. Beijos largos, testa suada, mão negra segurando o menino pelas pernas, ela berrou, num misto de contentamento e esperança:

- É homê, é homê, Rosa... vai lutá pelus homês, ele trás um canto de amô, de paz, de concórdia e de liberdade...

Dona Rosa não disse nada, apenas fechou os olhos, deixando-se levar pelos acordes de uma doce e suave melodia que lhe chegara aos ouvidos. Emocionada, Amélia Baiana começou a chorar, boca aberta, garganta vermelha de tanto gritar verdades.

Seu choro rasgaria a calma.

Sua voz negra e pungente atravessaria o vento, anunciando que o menino que acabara de nascer trazia uma mensagem do Universo e era o símbolo da união das raças, porque preto e branco são iguais.

No ar pairava um vago sentimento de benção.

No céu, um espetáculo de luz.

Um meteorito em forma de estrela descera sobre a terra, indo cair bem em frente à casa do menino que nascera. A noite quente de surpresa e curiosidade logo arrastaria uma multidão ao local.

O prefeito, a mulata e o general.

Lá estavam todos. Alfaiates, marceneiros, macumbeiros, funcionários públicos, sapateiros, jornalistas, advogados, políticos, chacareiros, pedreiros, engraxates, doceiras, lavadeiras, malandros, comerciantes e costureiras - iam apressados, rumo à Praça da Bandeira, cobrindo com seus passos o calçamento das ruas e o desenho das calçadas.

O maestro Manoel estava feliz. Após esvaziar uma caneca de vinho, acendeu um charuto e chegou à janela. Queria contemplar a noite e agradecer ao céu, quando alguém lhe perguntou:

- Então, Maestro. Nasceu mais um Silva em sua casa?

- Silva, não. Nasceu outro Manoel, amigo.

Manoel Jacintho Coelho.

Atento à conversa, um repórter magro, alto, cabelos negros, glostorados, murmurou baixinho:

- Silva ou Coelho que diferença faz. Na verdade somos todos fulanos de tal, enganados pelos políticos, explorados pelos patrões e humilhados pelas esquinas.

Vestido comprido e rodado, com aplicações de viés e rendas, laço de fita no cabelo, a menina Leonor Nunes dos Santos acompanhara todo o espetáculo com interesse e deslumbramento. Na inocência de seus nove aninhos, ela achava tudo muito bonito e iluminado, “um dia de festa, com aquela gente toda”.

Tempo distante, de lembranças e saudades.

Naquele dia, muita coisa a menina Leonor ficou sem entender.

Hoje, quase centenária, cabelos brancos servindo de moldura ao rosto bonito, ela vai repetindo para os netos o seu conto de príncipe.

Na voz cansada, o sublime, o belo, o terno e o saudoso:

- Naquela noite, uma estrela desceu do céu. Era uma estrela grande e azul. Veio descendo, descendo, descendo... E deixando, por onde passava um brilhante rastro de luz. Os sinos tocaram e as pessoas saíram de suas casas, indo para a rua. Estavam emocionadas e felizes. Homens e mulheres,

jovens e velhos, pobres e ricos, adultos e crianças se abraçavam. Era um novo tempo de amor, de confraternização, de amizade e respeito, um dia de festa. Afinal, um menino que viera de muito longe e acabara de nascer.

- Quem?... Indaga com interesse um dos netos e dona Leonor responde comovida:

- O Cavaleiro da Concórdia.

A negra Amélia Baiana tinha razão. Manoel viera ao mundo na cor do bronze unindo as raças. E ali estava para lutar pela redenção do homem, pela liberdade definitiva, para devolvê-lo ao seu estado natural.

Suor negro a inundar a Terra, aquela mulher com seu enorme poder de percepção, entre o soluço e a lágrima, sentira o poder da energia que emanara daquele pequenino corpo, tanto que balbuciara:

- Com a chegada de Manué começa um novo tempo. Depois dele, não vai havê mais lugá prôs miserávis donos da vida, porque todo mundo vai sabê de onde vem, pra onde vai.

O maestro Manoel não conseguia entender exatamente o que Amélia Baiana pretendia dizer, mas pressentia que o filho viera ao mundo predestinado a uma missão. E aquela mulher sabia de tudo. Era um testemunho vivo, palpitante da anunciação de um novo tempo.

Diante desta certeza, olhara para o céu e pedira ao Verdadeiro DEUS:

Pai, que o sacrificio de meu filho tenha uma finalidade.¹³

O excerto acima, longo, porém importantíssimo, incorpora em sua narrativa personagens e situações que corroboram para a mirada pretendida neste trabalho, dando a cena para uma análise sobre inúmeras faces da vida e realidade social de época. Dentro desse mito, no sentido de narrativa originária, a figura da “negra Amélia Baiana” reflete a posição dos escravos e seus filhos, de como desempenham papéis em uma sociedade que abandonara a escravidão e pretende inserir-se em um contexto capitalista. Socialmente excluídos a população negra em sua maioria desempenha papéis marginalizados pelo modelo hegemônico, como a “medicina de Folk” (CAMARGO, p. 10 *in* MONTERO, 1985) expresso

13Elias, 1988, p. 39- 43

na função de Amélia como parteira, contrapondo-se a figura do médico, diplomado. O autor faz um jogo entre o “benefício de Amélia pela Lei do Ventre Livre” e sua “preocupação em ajudar outros a nascer”. No imaginário ideológico de um “caráter nacional brasileiro”, como integrante de uma das “três raças formadoras do ‘Povo brasileiro’” (DA MATTA, 1987) Amélia Baiana personifica a figura do negro de Gilberto Freyre descrito por Marilena Chauí (2000) em um quadro demonstrativo impresso em “Brasil- Mito Fundador e Sociedade Autoritária” como inerente à população negra uma “maior bondade”, “Misticismo quente e voluptuoso que enriquece a sensibilidade e a imaginação do brasileiro” e finalmente o “traço psicológico” da “alegria”, descrita pela sua “predisposição à caridade”, “sorriso largo” e “dominação particular dos segredos da vida”. O que o jornalista com sua imaginação literária omite, mascara e, também em certos pontos, revela é que por trás desses traços psicologizantes esconde-se o mundo social que os indivíduos estão inseridos, tanto o das relações materiais quanto o mundo das relações ideológicas da época.

Outras personagens que saltam aos olhos do investigador são expostas nessa narrativa, “O prefeito, a mulata e o general” são apresentados como símbolos desta nova ordem social nacional, onde convergem em um mesmo evento, o “nascimento de Manoel”, as figuras representativas do Estado, do popular e da instituição militar, respectivamente. Futuramente ao observarmos a criação da *Cultura Racional* entenderemos melhor a importância dessas figuras para o “dilema brasileiro” (DA MATTA, 1997).

Há também a observação sobre essa narrativa mítica da oração feita por Manoel pai no final do texto onde exclama: “Pai, que o sacrifício de meu filho tenha uma finalidade.” Em “Sobre o Sacrifício” de Marcel Mauss e Henri Hubert, mais especificamente no capítulo sobre “O Sacrifício do Deus” encontro a comparação necessária para tornar inteligíveis as comparações de Manoel a Jesus Cristo, feitas atualmente por *estudantes da Cultura Racional*. Para dar apenas um exemplo, no encontro de *Cultura Racional*, realizado na UnB, que acompanhei, um dos estudantes chamou a minha atenção para uma correlação entre as iniciais dos sobrenomes de Manoel Jacinto Coelho com as de Jesus Cristo e insistiu que o primeiro nome também teria relação divina, pois Manoel é uma variação de Emanuel, do Hebraico significa Deus conosco. Reificando a correlação “profética” entre o Immanuel, nome dado pela virgem ao seu filho messiânico¹⁴ e Manoel filho de músicos que não tendo mãe virgem foi “trazido por uma estrela”.

14BÍBLIA SAGRADA. Isaías 7:14 e Mateus 1:20-25

O caminho percorrido ao longo de toda a vida de Manoel, mas especificamente anteriormente a escrituração do primeiro volume, do que viria a ser sua “obra enciclopédica”, “Universo em Desencanto”, concluída apenas no final de sua vida, em 1991, obra que reúne 1000 livros “ditados” pelo “*Racional Superior*”, divindade maior para a *Cultura Racional*.

As analogias servem para instigar a observação e ajudam a perseguir uma tentativa de reconstrução do constante processo de transformação deste “sacrifício” de um mundo profano à sacralização.

DO SINCRETISMO A SACRALIZAÇÃO

Ainda em busca da construção contextual para a análise aqui pensada volto-me a vida de Manoel. O tempo histórico aqui é a década de 1930, antes da escrituração feita por Manoel do “Universo em Desencanto”, o cenário continua sendo o Rio de Janeiro, mas agora gostaria de apresentar a vida pregressa dessa figura que viria a tornar-se “*Mestre Manoel*” ou “*Pai Manoel*”.

Manoel Jacintho Coelho em vida foi um homem que dividiu sua existência, pelo menos até 1935, entre mundos, do sagrado e do profano, exercendo papéis distintos, era violonista, tocador de violão de sete cordas nas noites da boemia carioca; funcionário do Palácio do Itamaraty e por fim, presidente da tenda espírita Francisco de Assis no Méier. Tudo isso como jovem adulto, antes dos seus 33 anos. O que, em um primeiro momento, parece ser a descrição da trajetória de vida dessa personagem, chamarei a atenção para o caráter de transformação sacrificial. O sacrifício aqui descrito não tem por fim a morte do sacrificado, mas a observação do processo de consagração do indivíduo em um intervalo definido de tempo. A transposição do mundo profano ao mundo sagrado, transfiguração do indivíduo em elo entre Deus e os homens e como fruto desse sacrifício não é derramado o sangue da vítima, o que se derrama é a palavra escrita para o “retorno a perfeição da humanidade”¹⁵.

Mas as consagrações não são todas da mesma natureza. Há aquelas que esgotam seus efeitos no objeto consagrado, seja ele qual for, homem ou coisa. É o caso, por exemplo, da unção. Na sagração de um rei, somente a personalidade religiosa do rei é modificada; fora dela nada é alterado. No

15Concepção de evolução dentro da *Cultura Racional*. É um retorno ao puro, limpo e perfeito.

sacrifício, ao contrário, a consagração irradia-se para além da coisa consagrada, atingindo, entre outras coisas, a pessoa moral que se encarrega da cerimônia. O fiel que forneceu a vítima, objeto da consagração, não é no final da operação o que era no começo.¹⁶

Nessa comparação não busco o ritual do sacrifício, em si, mas as transformações do homem e o que ela produz para além da “coisa consagrada”. Não há sacrificante nesse exemplo, mas busco a essência da consagração descrita por Mauss, que no final da abordagem, seja possível demonstrar a transformação do homem Manoel do final não ser o mesmo do começo. Transmutado em homem sacro, plausível de comparação com a figura do Cristo.

Terno azul-marinho bem cintado, camisa de seda branca, gravata “tusso” e sapato preto de salto carrapeta, Manoel Jacintho Coelho retorna do banheiro, onde fôra lavar o rosto, tentando afastar o sono e diminuir o cansaço. Aquela noite havia sido diferente para ele, apesar da rotina. Durante o tempo em que permanecera abraçado ao violão de sete cordas, divertindo boêmios, mulheres, artistas, políticos, jornalistas, malandros e, principalmente, otários, muita coisa aconteceu. Por alguns instantes, tivera a estranha sensação de estar saindo de seu próprio corpo, evaporando, depois partindo e encontrando um outro mundo. Tudo aconteceu de forma inesperada, incontida, e porque não dizer, avassaladora. Seu corpo começou a ficar adormecido, como estivesse anestesiado. Ainda reagiu, respirando fundo. Quis falar, pedir ajuda, mas não conseguiu. Parecia flutuar no ar denso de fumo e de muitas fragrâncias do Bar dos Carmelitas. E embora soubesse que algo anormal, de muito sério, de novo e também diferente estivesse acontecendo, tinha a certeza: não havia perdido a consciência, tanto que continuava dedilhando o violão, sem perder o compasso do samba de Ismael Silva (...).¹⁷

Nesse pequeno fragmento encontro um relato sobre algumas das “vidas de Manoel”. Homem que viveria para entreter pessoas de diversas camadas sociais que se reuniam e partilhavam características comuns, uma delas a vida boêmia. Manoel, segundo relatos de “colaboradores do mestre”, como são conhecidas as pessoas que tiveram a oportunidade de acompanhá-lo de perto em vida, era um exímio músico. Passava, quando jovem, suas noites em bares, cafés-concertos e cabarés dedilhando seu violão. Outro momento importante dessa descrição é o

16MAUSS e HUBERT, 2013, p. 17.

17Jorge Elias, 1988, p. 13-14.

contexto em que Manoel começa a entrar em estado alterado de consciência. “Diferente”, pois Manoel estava acostumado a peregrinar pelo mundo espiritual em outro contexto, era chefe da tenda espírita Francisco de Assis, um ambiente controlado e propício para tal, ambientado para vivenciar transe e rituais religiosos, mas os espaços tornam-se cada vez mais transitórios para esta personagem ao longo do seu processo de “divinização”, a rua e outros espaços profanos se tornam cada vez mais espaços para vivenciar o sagrado.

Antes de incorporar o discurso interno nos relatos apresentados por Jorge Elias da vida de Manoel, cabe compreendermos os porquês das transformações da rua em local de transe e posteriormente as “revelações” que essa personagem receberia do “*Racional Superior*”.

Dos três papéis principais desempenhados por Manoel, de músico, funcionário público e médium espírita o que mais teria relevância, pois sem ele este trabalho não existiria, devido ao “desempenho de maior convencimento” (GOFFMAN, 1975) foi uma reelaboração feita pela personagem de médium a líder carismático.

Os “palcos” pelos quais Manoel transitava são cheios de peculiaridades, relativas aos lugares sociais, e conseqüentemente apresentam problemas e soluções para a ascensão social dessa figura. O sacrifício, ou ascensão figurativa, do “mestre” é progressivo de acordo com suas experiências entre mundos por ele habitados ao longo do processo.

Na boemia como músico há espaço para ascender socialmente e transitar por diversas camadas sociais, mesmo sendo uma vida de inversão, onde a maioria dorme poucos estão acordados. Mas as chances maiores para a figura do mulato Manoel estaria se em vez de violonista ele fosse letrista e arrumasse um intérprete branco para seus sambas, como ocorria com inúmeras figuras negras que adquiriam essa transitoriedade de época. Exemplo de intérprete ¹⁸ branca encontra-se na figura de Carmen Miranda. ¹⁹ O mundo dos cabarés acabaria por afastar Manoel, pela sua periculosidade e luxúria. Encontrei no relato de Elias descrições de mortes “previstas” pelo “mestre” como a do malandro “Meia-noite” e a descrição de que o espaço da boêmia era “espaço de ilusões” para as mulheres que:

(...) tão jovens, tão bonitas e tão carentes, ali estavam todas as noites, arrastando suas vidas pela pista de dança. Mais que um par constante, um cavalheiro bonito e bem arrumado, para enlaçá-las pela

18Intérprete da brasilidade, mestiçagem branqueada, sem deixar de lado questões concernentes aos mulatos, cantando o asfalto e o morro.

19MELO, R. V. *in* **Fazendo a guerra, vendendo bananas: EUA e Brasil na política de boa vizinhança**. 2003.

cintura, num rodopio elegante, ao ritmo da canção, sonhavam com um lar, um marido, filhos e uma família. A cada manhã, porém, despertavam do sonho, sobre os lençóis manchados de pecados e amarrotados dos hotéis pouco recomendados da Rua Conde Lage. Nas bolsas, alguns trocados a mais. Nos rostos, as marcas da decepção.²⁰

A busca por “constância” em um “mundo inconstante” como um dos motivos do sofrimento para a *Cultura Racional* e que será oferecida pela doutrina posteriormente pela “*imunização racional*” surge a partir da observação de Manoel da vida que levava.

A religião, como sabemos, proporciona essa linguagem onde instabilidade, sofrimento andam juntas a busca por salvação religiosa.

O palco para um músico oferece o espaço para sua realização, profissional ou pessoal. O que distingue um músico de outro é observável não pelo palco ocupado, mas pelo domínio teórico, as inúmeras horas de prática e principalmente o que permeia qualquer representação, a interação, no caso do músico uma tripla relação músico, palco, plateia. A primeira é a de construção do músico, a segunda é a interação entre músico e plateia, o que ele passa e o que ele recebe, a terceira é a “presença de palco” que junto com a segunda geram um carisma. Mas os palcos geraram mais do que isso para Manoel, eles e as noites em claro serviram para observar realidades marginais da sociedade carioca dos anos 1930²¹.

O segundo “palco”, o de funcionário público, ocupado por ele não traria tanta relevância, apenas teórica, a seu projeto de ascender socialmente e à figura profética construída posteriormente. Tem sua importância por ser um espaço de transitoriedade entre as classes médias, os funcionários, a alta, pelo contato com políticos e a baixa, nas saídas do expediente para as ruas da Lapa. O emprego no Palácio do Itamaraty e os contatos de Manoel com funcionários hierarquicamente inferiores e superiores fazem parte da construção da “identidade nuclear” dessa personagem. Tudo isso ocorre de dia com regularidade temporal e espacial, reificando assim o sistema vivido pela personagem.

A vida de Manoel como médium é onde eu quero chegar. Manoel era presidente da “tenda espírita” Francisco de Assis localizada no Méier no Rio de Janeiro. Os primeiros relatos sobre a mediunidade de Manoel que encontramos em sua biografia remetem a sua infância e juventude, como integrante da “tenda espírita” Manoel realizava curas e principalmente tinha visões sobre acontecimentos futuros. Mas a mediunidade dele, presente

20ELIAS, 1988, p.14-15

21ELIAS, 1988.

nos relatos sobre sua vida, começa a estender-se para além da função de presidente de tenda espírita no Méier. Presente nos relatos de transe enquanto tocava violão na boemia e outros relatos de tranSES em meio aos expedientes na repartição.

Suas funções dentro da doutrina Umbandista levaram-no a uma transitoriedade sincrética que consegue romper entre os muros invisíveis das classes sociais brasileiras; desde “visões” sobre as mortes de alguns conhecidos da malandragem até um contato direto com o então presidente da república Getúlio Vargas, alertando-o de um possível acidente, o que levaria posteriormente, Vargas, a “bater cabeça” na tenda Francisco de Assis (ELIAS, 1988).

A Umbanda é uma religião endógena que se situa na encruzilhada de três raças que contribuíram para a formação do povo brasileiro: o negro, o índio e o europeu. Neste sentido pode-se dizer que ela é uma religião nacional, isto é brasileira. É impossível precisar o momento de nascimento desta religião, ela se relaciona, sobretudo, às transformações sócio-econômicas que o Brasil conheceu depois do fim do século XIX e que se prolongam até os anos 30. Ao contrário do messianismo, que decorre diretamente da pessoa do messias, a Umbanda não tem uma origem fixa; pelo contrário, pode se constatar o aparecimento simultâneo de diferentes tendas nos diversos Estados. Somente em um momento posterior as tendas aparecem como portadoras de uma nova religião, e mais tarde, em 1941, assiste-se à realização do primeiro Congresso Umbandista, que reúne diferentes práticas religiosas, originadas, entretanto das mesmas fontes: os cultos afro-brasileiros e o espiritismo de Allan Kardec.²²

A Umbanda tendo como expoente essa origem interna ao organismo nacional, onde se apresenta o sincretismo fruto da encruzilhada entre as três raças formadoras do povo brasileiro. Pelo menos no campo teórico é uma premissa válida. Mas o que realmente ocorre dentro do cenário religioso nacional dos anos 30 é um aumento nas perseguições às religiões de matriz africana.

Durante a década de trinta houve uma intensificação na perseguição às religiões mediúnicas, fundamentalmente àquelas ligadas ao passado africano, como a Umbanda (...).²³

22ORTIZ, 1980, p.93

23NEUMMAN, 2008, p.11

Mais do que o aumento propriamente dito, mas uma continuidade e quem sabe intensificação das perseguições que estenderam-se entre os períodos de 1890 a 1940 foco dos estudos de Maggie descritos por Giumbelli:

As reflexões de Maggie partem de uma vasta experiência de pesquisa sobre a repressão ao espiritismo e ao curandeirismo que se seguiu à decretação, em 1890, do primeiro código penal republicano. Nessa legislação, a prática do espiritismo foi incluída entre os crimes contra a saúde pública, figurando ao lado da condenação do exercício da medicina sem título acadêmico e do curandeirismo. Através da análise de dezenas de processos e inquéritos criminais instaurados entre 1890 e 1940 no Rio de Janeiro envolvendo acusações a práticas mediúnicas.²⁴

A encruzilhada é um ponto de convergência, por muitas vezes neutralizador, ou ao menos faz a suspensão, de alguns conflitos internos do campo religioso nacional. Essa doutrina tornou-se a partir dos anos que se seguiram, um campo de batalha, entre as práticas mediúnicas e o trabalho dos “intelectuais da Umbanda” (ISAIA, 1999). Segundo Neumman (2008) e Isaia (1999) esse grupo tem por objetivo a construção de um conhecimento interno ao grupo com pilares no que Ortiz (1978) chama de uma busca legitimadora de discurso, a “legitimação racional”; fazem o esforço intelectual sincrético de tentar romper, por meio da aproximação do discurso religioso às culturas hegemônicas como a ciência, com a dita “irracionalidade” dos cultos e sacrifícios, tidos como “atrasados” para a visão de uma sociedade urbana com intuídos “civilizados”.

Basicamente a concepção de “atraso” nos cultos mediúnicos existentes no começo do século XX segue a premissa de uma visão ou um devir positivista, onde numa escala bem próxima a “escala evolutiva das sociedades” que foi tão cara aos teóricos evolucionistas, a escala das doutrinas mediúnicas estaria distribuída hierarquicamente entre os cultos mais próximos e os de menor relação às concepções científicas. Em um “continuum” do espiritismo Kardecista, como culto de maior capital simbólico, a Umbanda. Giumbelli²⁵ fornece-nos uma visão sobre essa querela onde, analisando os trabalhos de Cândido Procópio Camargo, o conceito de continuum mediúnico, ele apresenta relações dicotômicas duais, por exemplo, no Kardecismo adquire-se a mediunidade de forma “consciente” enquanto nos estudos que refletem o pensamento de época na Umbanda esse processo seria “inconsciente”. Outra análise que surge diz respeito aos processos rituais das duas doutrinas, a primeira seria
24GIUMBELLI, 2003, p.248-249

25GIUMBELLI, Emerson. O cuidado dos mortos; 1997, p. 18

tida como “sóbria” e “simplista” enquanto a segunda, locada no outro polo da escala, seria observada como “emocional” e “complexa”. Para finalizar Giumbelli aponta que nos estudos de Camargo a relação dual entre as duas doutrinas se caracterizariam como “ética” e “mágica”, respectivamente.

É nessa encruzilhada que Manoel está situado; Neuman (2008, p.11-12) identifica o “mestre” como um possível intelectual orgânico situado nessa disputa por visibilidade, de “legitimação racional” e principalmente, angariar capital simbólico à doutrina. A criação da *Cultura Racional* por Manoel está alicerçada nesse devir intelectual gerado pela “concepção moral da ciência” de senso comum como nos adverte Durkheim²⁶. Porém, foi uma oportunidade de romper com a produção e circulação interna de ideias ditas “civilizadoras” que o “mestre” encontrou nesse momento histórico; o que em sua biografia está descrito como “contatos mediúnicos com o *Racional Superior*” que culminariam na “criação” do movimento aqui observado em 1935, pode ser observado pelo posicionamento do “mestre” entre os “intelectuais de Umbanda” como o momento propício para imaginar uma cisão, a partir de então ele reformularia, criaria uma “nova encruzilhada”. Lançando-se não mais ao cargo de médium, ou intermediador, e sim à figura profética de elo entre o “*Racional Superior*” e a “bicharada”; aquele que carrega a “boa nova”, elevando-se do mundo sincrético onde estava antes, à figura sacra, do sacrifício cristão.

Os interesses de classe de Manoel refletem-se nos termos por ele utilizados, entre a “bicharada”, errante, e o projeto moderno e racionalizador imaginado por Manoel, está aberto o posto de profeta. Até aqui pode observar-se o projeto mundano da religião, o sentido dado por Manoel a esse projeto de ascensão.

O próximo capítulo tem por função tentar dar um escopo imaginado pelo “mestre” a sua cosmologia, do que viria ser a interpretação cosmológica a partir do prisma “racionalizador”.

26DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social; 2010.

Capítulo 2.

O caminho para a ascensão social e principalmente simbólica, no caso da *Cultura Racional*, é trilhado por etapas construídas por Manoel Jacintho Coelho; etapas que delimitam a identidade desse “novo movimento”. Não tenho por objetivo defender nenhuma postura nativa ou de interpretação minha sobre a legitimidade do grupo, apresento como “legitimamente brasileiro” por comparação aos processos histórico-sociais envolvidos na criação desse universo *Racional*. O primeiro passo para a distinção entre o movimento aqui observado e outras realidades religiosas do universo nacional, como o Candomblé, perpassa pelo letramento da doutrina e de seus participantes, que se autoidentificam como *estudantes* e não fiéis, adeptos ou crentes. Essa tomada de posição perpassa pela concepção nativa, como um projeto de dissociação.

O que move esse capítulo é a observação do conhecimento cosmológico da *Cultura Racional*, onde podemos ver alguns pontos de convergência, pelo menos na identidade imaginada, com o conhecimento científico que por uma circularidade das ideias começou ou já fazia parte por um desejo de ascensão social, típico das camadas médias, nos pensamentos de estudiosos nacionais. E podemos, também, observar os pontos de recusa construídos por Manoel, na concepção do movimento, as outras religiões e a ciência em si. Tentarei dar foco a esses pontos de conflito entre representações que o saber ocidental separa, que são fundamentais para a compreensão identitária dessa doutrina.

Como dito anteriormente, o primeiro passo dado por Manoel é dado em direção ao letramento da nova doutrina e de seus futuros adeptos; concomitantemente são dadas as bases de uma diferenciação e de aproximação com doutrinas concorrentes como o catolicismo que tem suas bases nas sagradas escrituras da bíblia e ao espiritismo kardecista que é erigido por pilares valorativos do pensamento de época do século XIX, como o positivismo. A escrituração dentro do universo *racional* tem por objetivo essa distinção entre o “racionalismo” e as ditas doutrinas “irracionais” de época.

A hierarquia católica e os próprios concorrentes dessas religiosidades no campo mediúnico, faziam das expressões religiosas dos afrodescendentes as ligava à “magia”. Nesse sentido não eram vistas como religiões, mas como um conjunto de práticas “irracionais” que serviriam como um placebo aos níveis sociais menos favorecidos.²⁷

27NEUMMAN, 2008; p. 34

É observável que no contexto moderno a palavra escrita tem legitimidade maior do que a palavra falada; prova disso é o processo de escrituração por parte do estado de suas leis, que doravante fizeram parte do senso comum e com esse artifício tornou-se legítima, com a possibilidade de acesso, de consultar as escrituras. Esse tópico daria a feitura de outro trabalho com a intenção de traçar os caminhos que levaram a legitimação da palavra escrita sobre a falada, o que não é objetivo. Serve para ilustrar aqui um dos artifícios metodológicos utilizados por essa doutrina na sua construção identitária de oposição a outras supracitadas. Mas como compreender uma ideia de letramento em uma sociedade com índices altíssimos de analfabetismo, como eram registrados na época, a década de 30 no Brasil? Para tal, Manoel se utiliza de uma saída mágica atribuída por ele a essa nova escrituração; o contato mágico, de *estudantes* cegos ou analfabetos, com os livros “Universo em Desencanto” geraria uma redenção automática. É a resposta dada, pelo “mestre”, aos excluídos. “Os que não sabem ler serão perdoados, terão o seu desconto, mas os que sabem, não!” (COELHO, 1935; p. 158).

Na trilha percorrida por Manoel na construção de uma nova doutrina podemos observar em seu texto a busca de um “afastamento”, pelo menos no discurso nativo, de outras correntes teóricas. O espiritismo kardecista, por exemplo, tem como pilares doutrinários três variantes, na construção imaginada por Allan Kardec; os pilares dessa doutrina são: A ciência, a filosofia e a religião. O que para o espiritismo se caracteriza como pilares doutrinários formadores de uma identidade de pertencimento a uma doutrina que se edifica pelos mesmos, no caso da *Cultura Racional*, Manoel faz o movimento inverso, de afastamento aos pilares do espiritismo, deixando claro em seus escritos que a Cultura Racional estaria para além de ter esses mesmos pilares como sustentáculos. Se a Umbanda, por se tratar de um movimento afro-brasileiro sofre perseguição pela doutrina hegemônica, o espiritismo kardecista mesmo com um capital simbólico maior, de transitoriedade entre a classe média brasileira, também não se exime de tal querela. Manoel da voz em parte a essa disputa por delimitações, em sua figura ocupa a simbologia do mestiço, “nascido na cor do bronze, unificador das raças”.

Primeiro o que vem na frente, parece redundância, mas serve para me lembrar da ordem das coisas. Já vimos que Manoel busca pelo letramento de sua nova doutrina a cisão com a cultura oral de vertentes como o Candomblé. Esse projeto de cisão de Manoel pelo dito “letramento” não necessariamente expressa um distanciamento por motivo exclusivo da oralidade, mas faz parte do processo de dissociação de cultos como o citado que na época carregavam o estigma de representarem as classes baixas e negras da sociedade. E segue dando voz ao processo de identidade da *Cultura* por inúmeras outras rupturas, que se não

operam na realidade, pelo menos em teoria, exercem significativa influência aos integrantes dessa doutrina. O segundo ponto que procuro ressaltar nesse capítulo é a constante que aparece no discurso *Racional* de que como uma maré, a identidade aqui observada fica no entre fluxo, por vezes aproximando-se de um suposto discurso filosófico, religioso e científico e em outras, quando questionada, afasta-se desses rótulos.

Então o que é a *Cultura Racional do Terceiro Milênio* nos seus próprios termos? Esclarecerei essa pergunta apresentando duas vertentes, o discurso interno da cosmologia *Racional* e como ele serve para criar uma unidade identitária, a do estudante de cultura racional.

MIRADA COSMOLÓGICA

Essa parte do trabalho será realizada pela leitura do primeiro volume da obra interna a *Cultura*, “Universo em Desencanto”. E por relatos adquiridos nos eventos e pelo tempo de pesquisa supracitado.

Viver para a doutrina *Racional* é sinônimo de “encantamento”; não só o “encantamento” mágico, mas muito aproximado à ideia de que viver como a sociedade humana vive, é uma forma de “cegueira espiritual”. Somos todos errantes desde o princípio. E “a partir de 1935”, data de criação, o que se “revelou” ao “mestre” Manoel, foi uma nova “ordem cósmica”, o “verdadeiro conhecimento”.

O porquê dessa doutrina “ser a portadora” do “verdadeiro conhecimento” baseia-se nas afirmações do discurso nativo que posiciona a *Cultura Racional* como um contínuo, pós-espírita, pós-científico, pós-religioso de qualquer forma e pós-filosófico. É para o nativo a vinda ao mundo da nova fase do conhecimento. E para isso Manoel utiliza em seu discurso formar retóricas de deslegitimar essas outras esferas do conhecimento. Primeiramente os seus estudantes não se identificam como fiéis e não identificam a *Cultura* como religião. Nas escrituras “ditadas” ao “mestre” pelo *Racional Superior* (Deus) diz ao mestre que não se trata de nenhuma das anteriores.

Não é um conhecimento extraído do saber deste mundo, e sim, a verdade das verdades, ditado pelo Racional Superior, Entidade da Planície Racional, através do seu representante, Manoel Jacintho Coelho. ²⁸

28COELHO, 1935, p. 09

Este fragmento é extraído do próprio “Universo em Desencanto” e o próximo excerto foi obtido em uma conversa informal com “X”, mas ambos revelam e afirmam esse universalismo cognitivo da *Cultura Racional*,

A Cultura Racional não é ciência, nem filosofia e muito menos religião. É a fase do desenvolvimento do raciocínio, do aparelho racional. É posterior a todos esses momentos. (X).

Em seu próprio texto, “Universo em Desencanto”, podemos observar a tentativa de construir um argumento para a deslegitimação dos conhecimentos citados acima. Os textos são escritos em forma de diálogos, perguntas e respostas:

É espiritismo? Não! Espiritismo é esse enigma que todos sonham que possuem, mas nunca provaram nem poderão provar, por isso é espiritismo, coisa ou causa em experiência, e onde existem as experiências, estão os enigmas.

Portanto, o espiritismo é enigmático e o Racional não tem enigma. Racionalmente todos os enigmas são solucionado claramente, lapidadamente e solidamente.²⁹

Eis a argumentação dada por Manoel para a diferenciação de sua doutrina em contraposição a de Allan Kardec, outro codificador doutrinário. Deixa claro em sua escrita os objetivos dessa “racionalização”, busca-se dentro da *Cultura* o esclarecimento das coisas ocultas, de forma lapidar por ação individual pela busca na leitura interna e a solidificação desse conhecimento pela repetição literária. Não havendo mais enigmas, não se necessita mais de alguém que os esclareça, além do paternalismo da *Cultura*. Passa internamente a uma linhagem de sangue o seu domínio, de Manoel às filhas e netas, exclui-se aqui a necessidade de um líder, padre, pastor ou médium na expansão do movimento.

Os argumentos para a deslegitimação científica, filosófica e religiosa seguem por veredas similares; onde a fé, como arquétipo religioso para Manoel torna-se um “falso condutor”, “gerador de sofrimento”. Acreditar é menor do que conhecer!

Para a *Cultura Racional* filosofia, religião e ciência tornam-se “fases anteriores ao progresso da humanidade”, mesmo no discurso interno de seus adeptos que colocam a doutrina como “universalista” e “não excludente dos outros conhecimentos”, o que observamos acima é uma argumentação interna diametralmente oposta a esse senso comum; o argumento final da introdução da obra “Universo em Desencanto”:

29COELHO, 1935; p. 15

Portanto, o que é Racional, está acima de tudo e de todos e a ciência do encanto e dos encantados está abaixo de todos e de tudo, porque são criações dos filósofos que ficam filosofando: “Será ou não será?” Filosofia feita pelos encantados, que não sabem o que fazem e quem não sabe o que faz, deixa todos em dúvida, por isso vivem todos duvidando de tudo, de todos e de si mesmo, por viverem sob essa filosofia científica, criada, inventada e forjada pelos habitantes da Terra. Seres enigmáticos, matéria sem solução, que deixa todos em dúvidas, como aí vivem, até hoje, duvidando sem solução alguma e dizendo: “-No mundo tudo é ilusão e nada mais”.³⁰

Bom, trouxe esse argumento de Manoel não com a intenção de fazer o mesmo que o “mestre” faz a ciência, filosofia e religião, não para deslegitimar, mas para reforçar meu argumento de que a construção do “profeta” é muito mais uma busca por cisão do que por aproximação, num primeiro momento.

A cisão como projeto de Manoel na construção da *Cultura Racional* está fortemente ligada ao seu projeto de ascensão social. “Romper” com os cultos “irracionais” aproximando-se de uma Umbanda “branca” ou mesmo um kardecismo, causando a “morte dos feiticeiros”, mas ao mesmo tempo mantendo-se como um. Portador de um “novo conhecimento”, construído pela ressignificação do termo “racional”.

A *Cultura Racional* moldou-se pelas querelas criadas dentro e fora do universo religioso nacional, as identidades religiosas são constantemente colocadas em conflito, sendo pela escritura sagrada ao grupo ou pelo constante jogo feito pelo iniciado de delimitação e combate entre identidades. Na busca pelos meios de salvação, a *Cultura* oferece uma concepção “positiva de salvação”, a *Imunização Racional* torna-se um processo constante de responsabilidade do adepto em construí-la diariamente. A expressão máxima do contato divino na doutrina observada movimenta-se das figuras das catedrais, igrejas ou templos para o centro da doutrina, o indivíduo. Na figura da glândula pineal há um “resquício do *mundo racional*”, segundo o movimento; não é atual a especulação religiosa e filosófica desse espaço como ponto de ligação entre o plano físico e o plano superior, espiritual e aqui observado *Racional*. Do “mundo antigo” egípcio passando pelos estudos de Allan Kardec na Europa do século XIX ao “mundo moderno” brasileiro essa fronteira é interpretada como agente enteógeno³¹.

30COELHO, 1935; p. 17-18

E como a “humanidade chegou” a esse momento histórico, da “fase racional”? Abrirei espaço aqui para a construção interpretativa de Manoel da gênese humana, da “queda primordial”, passando pela “evolução física dos corpos” até o momento atual de 1935, onde se encontra o início da “fase racional” do desenvolvimento de seus estudantes do “Deus interno” pela “Imunização Racional”.

O PECADO ORIGINAL E A ADAPTAÇÃO RACIONAL

Farei um resumo a respeito da criação do mundo sob a observação das leituras do Gênesis da bíblia e posteriormente a criação do mundo de acordo com a doutrina *Racional*. Considero importante essa correlação, pois ela constrói a sustentação argumentativa de que Manoel na “criação” da “sua cosmologia” bebeu de fontes distintas, dos textos bíblicos a conhecimentos antropológicos.

No primeiro livro, o livro de Gênesis, do copilado que é a Bíblia, há no primeiro capítulo, intitulado: “A criação do Universo e da raça humana”, o relato da criação por Deus do universo e do primeiro casal locado no Paraíso terreno. “No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava sobre as águas.” (Gn. 1. 1,2). E não é difícil observar que a criação de tudo parte apenas da palavra do divino: “Então Deus disse: - Que haja (...)” (Gn. 1. 3, 6, 14). Geralmente seguido pela concretização mágica descrita nas escrituras, sempre no final do versículo, pela frase: “E assim aconteceu (...)” (Gn. 1. 7, 9, 11, 15, 24, 30). Então o Deus do antigo testamento foi criando tudo o que hoje existe, por isso teoria criacionista. No primeiro dia criaram-se os céus, a terra, já havia escuridão, criou então a luz e separaram-se as duas coisas, a luz Deus chamou de dia e as trevas de noite. Há um intervalo temporal, o “ Δt ” da “equação” bíblica é, de uma semana ou 7 dias; no sétimo, o sábado, Deus descansou.

O pecado cometido pelo primeiro casal humano que gerou a expulsão do paraíso foi o fato de terem sido alertados pelo criador que teriam domínio sobre tudo o que existia no Jardim do Éden e poderia alimentar-se de todos os frutos e plantas, menos a de uma a “árvore da sabedoria”. A serpente como “animal mais sagaz do Éden” deu condições, dizendo que eles não morreriam e sim que se tornariam como deuses, para que a mulher e o homem se

31O termo aqui explorado é utilizado pelos adeptos do vegetal que a identificam como Deus interno de cada indivíduo, mesma relação observável na *Cultura Racional*.

alimentassem da fruta que brotava da árvore central do paraíso. Após comerem do fruto proibido o casal primordial foi expulso por Deus.

No universo cosmológico da *Cultura Racional* descrito no livro “Universo em Desencanto” há o que eu identifico como uma releitura feita por Manoel sobre as escrituras sagradas da Bíblia.

Existe lá em cima uma grande planície onde vivem os Racionais, muito maior do que este mundo. Vivem eles com o seu progresso de pureza. Sim; puros, limpos, sem defeitos, diferentes dessa bicharada. E nesta planície, havia uma parte que não estava pronta para entrar em progresso. Uns tantos Racionais entraram por esta parte, várias vezes e foram chamados a atenção, começando a progredir por conta própria, e esta parte, não estando pronta para entrar em progresso, começou a deformar-se.

O princípio e a origem desse mundo assim foi. Começando a progredir por conta própria, na parte que ainda não estava pronta, ao invés de irem para frente, foram para trás; ao invés de irem para melhor, foram para pior; porque esta parte não estava pronta. Então esta parte começou a deslocar-se da planície. Conforme iam progredindo, veio descendo, e veio descendo sempre, até chegarem a essa conclusão que ai está, dentro de um buraco, olhando cá para cima e não sabendo de onde tudo isso surgiu. ³²

Há entre o relato bíblico e o *racional* algumas similaridades, por exemplo, encontramos nos dois mitos uma ideia de “desobediência primordial”; dadas as condições de existência, por Deus ou pelo *Racional Superior*, tanto Adão e Eva como os espíritos puros e perfeitos da planície, os *Racionais*, sendo pelo engano da cobra ou pelo “livre arbítrio”, cometeram o que não se poderia; no primeiro caso era comer o fruto proibido e no segundo o de habitar uma parte da planície que não estava pronta para progredir.

Encontramos diferenças nas duas narrativas; essas propositais para a distinção entre um mito fundador e outro. Mas para ressaltar alguns pontos de divergência; há uma inversão entre as duas histórias, na bíblica a distribuição física do “paraíso” é horizontal em relação ao resto da Terra. Encontramos nos trechos bíblicos a localização exata de onde supostamente se encontrava esse Jardim:

E saía um rio do Éden para regar o jardim e dali se dividia, repartindo-se em quatro braços.

32COELHO, 1935, p.38

O primeiro chama-se Pison; é o que rodeia a terra de Havilá, onde há ouro.

O ouro dessa terra é bom; também se encontram lá o bdélio e a pedra de ônix.

O segundo rio chama-se Gion; é o que circunda a terra de Cuxe.

O nome do terceiro é Tigre; é o que corre pelo oriente da Assíria. E o quarto é o Eufrates. (Gn. 2. 10-14)

Já no texto mitológico da *Cultura* há apenas uma distinção vertical entre o plano terreno e o plano *Racional*: “Existe lá em cima uma grande planície onde vivem os Racionais, muito maior do que este mundo”. (COELHO. Op. Cit. P. 38)

Então quando tratamos da “queda” nos textos bíblicos estamos lidando com o sentido figurado da palavra, já que a expulsão ocorre de forma horizontal. Já na cosmologia *Racional* essa ideia de “queda” é tanto verticalizada, “real”, objetiva como simbólica, pois continuando nos relatos racionais, em uma espiral temporal decrescente os “seres de luz” foram se “degenerando”, segundo termos da própria doutrina, perdendo suas “virtudes” até a transmutação de seres iluminados em formas físicas de vida; como observamos nesse quadro demonstrativo utilizado pela *Cultura Racional*:



O segundo momento cosmológico da doutrina *Racional* descreve o processo de transformações físicas sofridas por esses seres que diferente do criacionismo bíblico que tudo foi criado segundo a palavra de Deus em sete dias. Na *Cultura* Manoel dá um tom mais

“natural” dividindo ao longo de 21 eternidades, o Δt *racional*, medidas de tempo sem precisão, essas eternidades estão dispostas na narrativa de Manoel como degraus de uma escada evolutiva. Do mais “simples” ao mais “complexo”; cada degrau apresenta de forma simples, não maior do que um parágrafo, uma singela teoria de como tudo ocorreu.

O que gostaria de chamar atenção com essas comparações não só para determinar ou traçar influências exteriores buscadas pelo “mestre”, mas o de observar que dentro das leituras de Manoel e de seu processo criativo, transportando para uma narrativa mítica, conceitos filosóficos como “degeneração” e “virtudes”, ou mesmo, conceitos científicos como “evolução”, que também foi apropriado por outras vertentes religiosas e ressignificado mais aproximadamente com a ideia “evolutiva” que encontramos na *Cultura Racional*, tornam o texto cosmológico dessa doutrina muito mais complexo e de difícil exercício de um esforço em traçar uma linearidade no pensamento do “profeta”.

Pela interpretação de um homem podemos observar como as ideias ressignificadas, adaptadas, reescritas, podem transitar pelas “membranas relativamente porosas” do conhecimento.

Para finalizar este capítulo quero trazer a discussão um aspecto presente em todos os relatos aqui apresentados. A ideia de uma identificação ou identidade observada na *Cultura Racional do Terceiro Milênio* é o que poderíamos observar conceitualmente como de uma construção ou sincrética, mas extrapolada para uma afirmação; essa afirmação como observamos em exemplos supracitados é construída em oposição, em oposição do que vem a ser o *nós, estudantes de Cultura Racional*, e a existência de *outros*, que no caso do campo religioso nacional apresentam-se como concorrentes, mas na visão do grupo *Racional*, como “errantes”, “encantados” e principalmente pertencentes a uma “fase anterior do pensamento humano”, “atrasados”³³.

Há um mimetismo em parte dos discursos pertencentes a outras doutrinas, religiosas ou científicas que tem a função de legitimar o grupo, o contraste é um “faz de conta” que dissocia, dando ao grupo a possibilidade de se posicionar a favor de tudo e todos com olhar complacente em relação aos concorrentes hierarquicamente “inferiores”.

³³Formação de identidade conflitante, muitas vezes etnocêntrica, bem discutida e apresentada por Roberto Cardoso de Oliveira (1976).

Capítulo 3.

Ao longo desta narrativa tentei dar voz ao processo complexo de construção da vida do “mestre” Manoel e observar os pontos que culminaram na construção de um movimento novo no cenário religioso brasileiro no começo do século XX. Agora voltaremos os olhos para o que ocorre no cotidiano da *Cultura Racional*, principalmente para as ruas, os auditórios universitários e para o interior do ser humano, especificamente para o centro mais profundo do cérebro, espaços ocupados por esse movimento.

Este capítulo será dedicado a contar como, onde conheci a *Cultura Racional* e o caminho percorrido durante a pesquisa, observando o caráter ritualístico do movimento. Tentarei explorar os motivos que me levaram a estudar esse grupo religioso em particular.

Há mais de três anos mudei para uma região periférica de Brasília, uma área próxima à Taguatinga chamada ‘Areal’ ou formalmente, Águas Claras. Como toda periferia, que sofre com a falta de policiamento, com a violência e outras mazelas sociais, o ‘Areal’ não era diferente. Mesmo localizado entre três regiões de grande concentração econômica do Distrito Federal: Park way, onde grandes terrenos são fracionados para a construção de condomínios de luxo; Taguatinga, uma das maiores cidades do Distrito Federal, se contarmos suas diversas ligações com Ceilândia e considerarmos o quanto Taguatinga perdeu de território nesses últimos anos para a especulação imobiliária de Águas Claras, o maior campo de obras da América Latina ³⁴. Que lembra em alguns aspectos a São Paulo da década de 30 descrita por Lévi-Strauss em *Tristes Trópicos*, “Vangloriavam-se de que construíam em sua cidade, em média, uma casa por hora”. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p.92). Próximo a essa viçosidade fugaz, fórmula das cidades do Novo Mundo, segundo o antropólogo, há um bairro espremido entre o velho e o novo.

De acordo com o que observei o ‘Areal’ é um lugar onde se refugiam como em grandes centros, no *status* de periferia, terreiros de Candomblé e Umbanda e onde é alternada a presença de bares e igrejas neopentecostais. Fui morar em um sobrado de esquina onde na frente deveria ter uma dessas praças que são prometidas nas campanhas políticas e nunca são construídas, mas o nome de Praça é presente no logradouro. Praça 400, pelo menos era o que constava em uma pequena placa de metal, dessas ordinárias que encontramos fixada nas paredes das casas, muros para identificação, mas, diferente das praças em volta o que avançou naquele terreno foi apenas a grama e algumas árvores que meu pai plantou. Praça, quando ouvimos esse nome o universo imaginário se limita a um espaço público de uso

34Em **O maior canteiro de obras da América latina**. 2007; WWW.istoedinheiro.com.br

coletivo, intergeracional, para o lazer, mas por não haver uma praça propriamente dita o espaço muda de forma e utilidade, podendo ser chamada de motel drive - in 400 ou boca de fumo 400. Logo a frente desse descampado havia uma igreja da Universal do Reino de Deus, que com seu sistema de som promovia grandes e inflamadas pregações, que mesmo se não houvesse microfone, ouviam-se, ao longe, os gritos dos fiéis aos domingos.

Em meio a esse caos aparente, aos sábados pela manhã, após um café, cultivava o hábito de fumar cachimbo na sacada do segundo andar da casa; o que rompia o silêncio das manhãs não era o barulho dos automóveis, ou das igrejas e sim uma única caixa de som, posicionada na frente de outra casa de esquina, onde se sentava um senhor de cabelos brancos, barbeado, todo vestido de branco, dos pés a cabeça, para a leitura do seu livro.

VI ENCONTRO DE *CULTURA RACIONAL* NA UnB

Os *encontros* ou palestras de *Cultura Racional* fazem parte do cronograma do movimento como formas de divulgação. Dentro da concepção de pertencimento ao grupo após o indivíduo tornar-se um *estudante*, inserir-se no processo de “desenvolvimento da máquina racional”, entrar em contato com a leitura e começar a acreditar que “não se trata mais de fé e sim de buscar conhecer a mecânica que rege a existência”, há para o movimento o dever moral em “fazer divulgação”, propaganda a favor da *Cultura*, torna-se quase um dever cívico, da moralidade do “indivíduo moderno”, em buscar que outros, “encantados”, encontrem e busquem conhecer a doutrina.

No dia 03 de dezembro de dois mil e doze, na Universidade de Brasília, encontraria pela manhã homens e mulheres com cartazes e banners fazendo uma divulgação na entrada do ICC sul, vulgo “minhocão”. Um homem jovem de vestimentas idênticas ao do senhor descrito anteriormente, de branco dos pés a cabeça, ao se aproximar apresentou-se. “X” estendeu a mão e entregou um prospecto de aparência simples, preto e branco, mas que segundo ele, de grande valor. Convidou a todos para o VI encontro de *Cultura Racional* na Universidade de Brasília.



O evento ocorrera em um dos auditórios da UnB, geralmente o espaço é ocupado com aulas de cálculo, estatística ou mesmo turmas de disciplinas variadas com aproximadamente 120 alunos; esse anfiteatro em particular possui um palco para apresentações artísticas como teatro, música e danças.

A grande porta de madeira do anfiteatro tinha um banner com a foto de Manoel com a mão erguida e a palma virada para quem olhava. A parede do lado direito que acompanham a escada do espaço também estava decorada com inúmeros banners da *Cultura Racional*. No centro do palco do anfiteatro havia uma mesa com uma toalha branca, um grande arranjo de flores centralizado e na frente um pequeno banner com a arte do primeiro volume do “Universo em Desencanto”. Os integrantes da mesa foram apresentados para a plateia, que em sua maioria era formada por *Estudantes da Cultura Racional* e alguns estudantes da UnB, por uma anfitriã. Cada um dos seis integrantes da mesa, os “conferencistas”, exercem funções distintas no seu cotidiano. Apresentam-se como indivíduos pelos papéis que exercem: um químico professor universitário, outro ex-agente do cindacta I de Brasília, um oficial das

forças armadas formado pela AMAN e “X”, economista. Mesmo acionando seus papéis como indivíduos todos partilham naquele momento uma só identidade a de *Estudantes*. E isso é ressaltado pela anfitriã que ao apresentá-los ao público vai legitimando a presença de cada um com o seu respectivo tempo de estudo, por exemplo, “X” foi chamado à mesa como “formado em economia e *estudando* de *Cultura Racional* há 28 anos”, primeiro apresentam a “ocupação” de cada indivíduo e em segundo momento se revela o que cada um “é” na hierarquia temporal do movimento. E assim seguiam-se as apresentações.

A ocupação pela *Cultura Racional* dos auditórios das universidades é uma tentativa de aproximação ritualizada do movimento ao que ocorre em encontros universitários científicos. No discurso criado por Manoel, a *Cultura* seria um contínuo desse conhecimento, mas o que observo é que dentro do que chamei de processo sincrético da doutrina na criação desse “novo” não se joga fora a legitimidade ou o capital simbólico conquistado pela ciência, se os encontros universitários são espaços de divulgação, troca e difusão do que chamamos de conhecimento científico, a *Cultura Racional* apropriou-se dessa ritualística para legitimar a sua intenção de ser o que “vem adiante” da ciência ocidental.

AS CARAVANAS E AS RUAS

Outro momento de “divulgação” que acompanhei durante a pesquisa foram as procissões particulares da *Cultura*, organizadas por grupos de *estudantes* que ao se deslocarem para outras cidades ou estados ocupam nova função dentro da doutrina, se organizam em caravanas, daí o título de *caravaneiros*. Esse espaço ritualizado se apropria das ruas como “palcos” para momentos de partilha e de comunhão entre *estudantes*. Em meio a uma “divulgação” é possível observar um ritual, dramatização da realidade reificando assim a doutrina.

Apresentarei dois momentos distintos do campo, o primeiro, observado em uma cidade satélite de Brasília, na região do DF, Taguatinga. O segundo momento fruto de uma breve viagem como etnógrafo para acompanhar as caravanas de Brasília e de Goiânia em uma “divulgação” realizada em comemoração ao aniversário de Uberlândia.

Em Taguatinga, num domingo, dia 17 de março de dois mil e treze, na Praça do Relógio, homens, mulheres, crianças e idosos, uniformizados e com os corações e espíritos inflamados, deslocam-se para uma rua residencial qualquer, posicionam-se em ordem unida

atrás de duas linhas de bandeiras, onde a primeira é a bandeira nacional, com o espaço de um braço direito esticado à frente e ao lado, organizados em três colunas de quinze linhas, cada linha com três integrantes, o suficiente para, em largura, ocupar uma via de uma rua de mão dupla.



Os passos compassados, direita, esquerda, direita, esquerda, marcam uma unidade. Rufam as cinco linhas de percussão, logo em seguida ouve-se um som agudo com marcações pontuais, destes instrumentos com aparência de Liras, mas em seu centro em vez de cordas, pequenas barras de metal, e por último abrem-se os metais. Atrás da banda marcial andam os *estudantes* que divulgam e fazem panfletagem dessa ideologia, passam de mão em mão o que creem ser o “verdadeiro conhecimento”, panfletos impressos pela Gráfica Editora Racional.



Em Uberlândia, Sábado, dia 20 de Julho de dois mil e treze, numa rua perto do centro, uma parte dos integrantes da caravana que desfilou em Taguatinga une-se aos integrantes da cidade e o processo se repete. A organização e o som dos instrumentos precedem as transformações que os seus integrantes almejam.

A rua transforma-se em um “palco” onde os “atores” desempenham papéis muitas vezes de importância, para o grupo, inversa aos papéis ocupados por eles no cotidiano de suas vidas fora da doutrina. O espaço da rua por muitas vezes tido como hostil, devido aos acidentes, brigas e mortes, também como o espaço ocupado pelos “não familiares” é transformado, esse espaço deixa de ser palco habitado pela hostilidade, quando alguns caravaneiros param o trânsito para a banda passar ³⁵.

A banda além de um artifício que “chama a atenção para a panfletagem” como me relatou o estudante “Zé” em uma das viagens da *caravana*. Mas interpretando outra frase do discurso interno, dessa vez de autoria de “X”: “A *Banda Racional* representa a figura do mestre que era músico”. No momento de cada “procissão” há uma ordem ritualizada, se observarmos dividindo a coluna vertical que é cada “procissão” de *caravaneiros* em colunas horizontais, temos na primeira C.H. (coluna horizontal) a bandeira nacional e o seu respectivo porta-bandeira, geralmente um estudante mais velho. Essa é disparada a figura mais importante, por isso o isolamento.

A neutralização desse movimento encontra-se sob o manto identitário, na categoria de *Estudante de Cultura Racional*, proporcionando relações sisudas e de jocosidade entre os iniciados, entre o neófito e o “colaborador do mestre em vida” ou mesmo entre tempos de estudo equivalentes. A categoria de *estudante* unifica os indivíduos e o tempo de busca pela “*imunização*” acaba tornando-se capital simbólico partilhado.

A identidade na *Cultura Racional* é, para o adepto, um processo de construção diária, individual e com momentos específicos de comunhão. Partilham fases similares de pertencimento expressas nas categorias de *Estudantes*, *Caravaneiros* e *Congressistas*. O primeiro é o caráter identitário de transição, primeiro e principal; o qual todos se autodenominam, identificam e se reconhecem. São papéis que estão legitimados não apenas pelo indivíduo que se reconhece, mas pelo coletivo que crê nessa identidade. Os outros são categorias transitórias de identificação em momentos específicos como as “*divulgações*” e nos “*encontros*” da *Cultura Racional*.

35A referência da rua como hostil e ocupado pelos não familiares é construída na obra de Da Matta (1997), e principalmente como os ritos transformam esse espaço.



Na segunda C.H. vêm às bandeiras da *Cultura Racional* e do estado em que ocorre a “procissão”, às vezes há outra coluna com a bandeira dos estados de cada *caravana*. Logo atrás das “Colunas das bandeiras” há uma C.H. de crianças com balizas que dão um ar lúdico ao desfile. Representando a renovação do movimento e o “novo” que se propõe a doutrina.



A coluna horizontal mais expressiva é a da *Banda Racional* é geralmente a maior, dividindo se em duas a dos metais e a de percussão, cada uma liderada por um maestro ou maestrina. Essa grande coluna então além de, como disse “Zé” e “X”, chamar a atenção para a dramatização que percorre a rua, para quem vê de fora, tem o valor simbólico de lembrar aos internos a passagem do “mestre” Manoel pelo mundo. A vida e o legado deixado por ele. O seu “sacrifício” é revivido em cada “procissão”. A última coluna horizontal, que ao longo da “divulgação” acaba se desagregando, saindo de formação é a dos *estudantes* responsáveis pela panfletagem. Esses representam o que são, cada indivíduo reifica a função do *Estudante de Cultura Racional*, que ao “despertar” pelas leituras e estar “imunizando-se” tem o “dever moral” de fazer divulgação.



O movimento percorre ruas de grandes centros das cidades brasileiras desde 1935, divulgando e revivendo a comunhão entre *estudantes* que posicionam-se sob o manto dessa doutrina e dessa ritualística.

Os rituais que a doutrina se apropria para a construção do corpo comum aos seus integrantes e para cooptar novos estudantes, expressa pelo valor nativo de que seria um “dever” para os que pertencem. Assim como as datas ressignificadas pelo movimento para orbitarem o universo cosmológico particular. A rua e o auditório como espaços públicos são ressignificados como palcos e tudo que eles carregam torna-se cenário para esse movimento. A religião no Brasil não é um assunto restrito à esfera privada, está sempre construindo-se em busca de visibilidade, legitimação popular.

Nos encontros de *Cultura Racional* podemos observar uma dramatização similar ao que Da Matta (1997) observa no “Dia da Pátria”, é um tempo espaço que reforça alguns valores e posições de partilha social de senso comum. Ao mesmo tempo que a doutrina busca legitimidade para si com a aproximação da ritualística dos congressos científicos, acaba concomitantemente reificando o domínio científico como conhecimento válido. Já no espaço

da rua a comparação que faço é com a interpretação de Da Matta do carnaval e da procissão, dois ritos que ocorrem nas ruas e que invertem e neutralizam posições. Quando a banda passa pela rua, transforma o espaço ocupado, mas a transformação não resume-se ao físico. A procissão inverte posições sociais, por exemplo, o porta-bandeira no seu dia a dia pode não ter tanta visibilidade, mas quando está desfilando a frente de todos está em evidência, mesmo que temporária.

A identidade partilhada por si só não é suficiente para a transmissão da doutrina, por isso a *Cultura* apoia-se em valores cívicos, de dominação patriarcal, já que quem dirige o retiro pertence à linhagem sanguínea de Manoel. E principalmente pelo discurso positivista de letramento e construção individual da salvação religiosa.

A cor branca das roupas vestindo cada integrante dos pés à cabeça, a ordem em que posicionam-se as bandeiras e quem as carrega, as bandas que desfilam pelas ruas em todo o território nacional, os homens e mulheres que falam nos auditórios universitários e aqueles que carregam panfletos para divulgar a “boa nova”, carregam em si um universo simbólico e uma historicidade que tentei reconstruir ao longo do trabalho. Observar um grupo marchando e relacioná-lo ao projeto positivo e de ascensão de um homem como resposta as perseguições de época sofridas por ele, dão um colorido ao processo de “tradução” feita pelo aspirante a antropólogo e o grupo que ele observa.

As bandas da *Cultura Racional* caminham hoje puxadas por um devir moral previamente estabelecido e construído que se apresenta como futuro almejado por projetos coletivos.

CONCLUSÃO

A discussão feita nesse trabalho monográfico voltou-se para a introdução da *Cultura Racional do Terceiro Milênio* sob olhar antropológico. Observamos como o preconceito do começo do século passado reverberou na construção do indivíduo Manoel Jacintho Coelho, obrigando-o a abandonar a sua antiga filiação para se reconstruir como figura profética de uma nova doutrina criada por ele. Os “valores modernos” do início do século XX como “evolução”, “civilização”, “asepsia”, “branqueamento” e “racionalização” foram pilares ideológicos que moldaram a construção do movimento estudado. Tornaram-se cicatrizes que o homem, Manoel, carregou ao longo da vida que se projetaram na construção individual e no seu legado social.

O letramento dentro da cosmovisão *Racional* adquiriu um caráter mágico, com o intuito de maior disseminação do movimento a obrigatoriedade da alfabetização para a “evolução espiritual” foi compartilhando espaço com a magia energética que os livros supostamente emanam.

Procurei descortinar o processo histórico e de perseguição sofrida pelo “mestre”, ressaltar o caráter sincrético em que se posiciona a *Cultura Racional*, no meio de encruzilhadas, entre o hegemônico e o que se propõe como “novo”. Entre a recusa identitária discursiva de espaços “legitimamente” científicos, filosóficos e ou religiosos, o conflito em se denominar como contínuo e ter que aproximar-se em partes e ritualisticamente ao que se professa como “atrasado”.

No caso da *Cultura Racional* o *estudante* que carrega a bandeira ou que toca na *banda* representando o sentimento nacionalista e o “profeta” Manoel, respectivamente, muitas vezes está invertendo a posição socialmente ocupada por ele fora do movimento; nesse momento ele está em destaque, ocupa uma importância maior. De uma posição social marginal a categoria de *estudante* e suas funções nos ritos tornam o excluído ou pouco visto em figura central, onde todos os olhos se voltam para suas ações.

No período da pesquisa e de inserção no campo observei uma doutrina ultra sincrética, com dilemas particulares em sua delimitação, onde por exigir um nível específico de letramento ou consciência é formada por maioria mais velha, muitos aposentados que podem dedicar-se exclusivamente aos estudos e a divulgação.

Dentro da observação antropológica, tanto cosmológica como ritualística, identifico como um terreno fértil para discussões futuras, que carecem de pesquisas e pesquisadores que desejam inserirem-se na linha da Antropologia da Religião, sob pilares de valores modernos e onde os ritos esporádicos fornecem observações ricas ao coletivo em que o estudante está

inserido. Onde as palestras e encontros como ritos, reificam valores da ritualística fora do escopo religioso, como rituais científicos ocidentais de difusão e reprodução do conhecimento. A Rua transformando-se em palco para inversões hierárquicas, ao menos simbolicamente.

A escassez de trabalhos acadêmicos a respeito da *Cultura Racional* torna o objeto aqui tratado como foco para futuros trabalhos de muito fôlego e energia potencial.

BIBLIOGRAFIA

BERGER, Peter L. (1986) *Perspectivas sociológicas: uma visão humanística*. Petrópolis: Editora Vozes.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas (2012) *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Editora Vozes.

BOAS, Franz (2010) *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

BOURDIEU, Pierre (1992) “Gênese e estrutura do campo religioso”. In *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.

CARVALHO, José Jorge de. O encontro de velhas e novas religiões. In: MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Renée. *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAUI, Marilena (2000) *Brasil: Mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

DUMONT, Louis (2000) *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco.

DURKHEIM, Émile (1996) *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico de classificação*. São Paulo: Martins Fontes.

(2010) *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.

DURKHEIM, Émile e MAUSS, Marcel (1999) “Algumas formas primitivas de classificação”. In *Ensaio de Sociologia*, São Paulo: Editora Perspectiva S.A.

ELIADE, Mircea (2010) *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes.

GEERTZ, Clifford (1971) *Islam Observed: Religious Development in Morocco and Indonesia*. USA, University of Chicago Press edition.

(1989) *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC.

GIUMBELLI, Emerson (2003) “O ‘baixo espiritismo’ e a história dos cultos mediúnicos”. *Horizontes Antropológicos*, v. 9 n. 19, Porto Alegre jul. Pp.247-281.

(1997) O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.

GOFFMAN, Erving. (1975) A Representação do Eu na Vida Cotidiana. Petrópolis: Ed. Vozes.

GOODY, Jack (2012) O mito, o ritual e o oral. Petrópolis: Editora Vozes.

HERVIEU-LÉGER, Danièle (2008) O peregrino e o convertido: a religião em movimento. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

ISAIA, Artur C. (1999) Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais da Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos noventa*. Porto Alegre: UFRGS, (11): 97-120.

ISAIA, Artur Cesar e MANOEL, Ivan Aparecido (2012) Espiritismo e religiões afro-brasileiras: história e ciências sociais. São Paulo: Ed. Unesp.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1989) O pensamento selvagem. São Paulo: Papirus.

(1996) Tristes trópicos. São Paulo: Companhia das Letras.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de (1976) Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.

ORTIZ, Renato (1978) A morte branca do feiticeiro negro: umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes. Petrópolis: Vozes.

(1980) A Consciência fragmentada. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MALINOWSKI, Bronislaw (1978) Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores).

MATTA, Roberto da. (1997) Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco.

MELO, R. V. (2003) Fazendo a guerra, vendendo bananas: EUA e Brasil na política de boa vizinhança. Dissertação de mestrado apresentada no Departamento de Antropologia na Universidade de Brasília.

(2010) “BEBER NA FONTE” adesão e transformação na União do Vegetal. Tese de doutoramento apresentada no Departamento de Antropologia na Universidade de Brasília.

MONTERO, Paula. (1985) Da doença a desordem: a magia na umbanda / Paula Montero; [apresentação por Candido Procópio Ferreira de Camargo]. — Rio de Janeiro: Edições Graal.

MOREIRA, Alberto da Silva (2008) “O futuro da religião no mundo globalizado: painel de um debate. In *O futuro da religião na sociedade global: uma perspectiva multicultural*. São Paulo: Paulinas, Pp 17-33.

NEUMANN, Ricardo (2008) “Cultura Racional: As leituras do ‘maior homem do mundo’”. Dissertação de Mestrado apresentada no PPG em História pela Universidade Federal de Santa Catarina.

SOUZA, Jessé (1999) O malandro e o protestante: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

WEBER, Max (2009) Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Volume 1. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

BIBLIOGRAFIA

COELHO, Manoel Jacintho (1935) Universo em Desencanto vol. 1. Belford Roxo: Gráfica e Editora Racional.

ELIAS, Jorge (1988) O cavaleiro da concórdia: o homem de outro mundo. 1ª Ed. Racional Gráfica e Editora LTDA. Belford Roxo, RJ.

Endereço eletrônico

WWW.CULTURARACIONAL.COM.BR

Mídias

CD. O livro.

CD. Músicas Racionais Saraiva.

DVD. VI Encontro de Cultura Racional na UnB.

Tim Maia (1975) CD Racional volumes 1 e 2.

